



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

CURSO DE PEDAGOGIA

ERICK SILVA DE OLIVEIRA

**PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS PARA OS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS REVELAM?**

**JOÃO PESSOA
2021**

ERICK SILVA DE OLIVEIRA

**PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS PARA OS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS REVELAM?**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda

JOÃO PESSOA
2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48p Oliveira, Erick Silva de.

Professores(as) alfabetizadores(as) para os anos iniciais do ensino fundamental: o que as produções acadêmicas revelam? / Erick Silva de Oliveira. – João Pessoa, 2021.

73 f. : il.

Orientação: Joseval dos Reis Miranda.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – UFPB/CE.

1. Práticas pedagógicas. 2. Alfabetização. 3. Letramento. 4. Psicogênese da língua escrita. 5. Professor – educação infantil. I. Miranda, Joseval dos Reis. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 37.013(043.2)

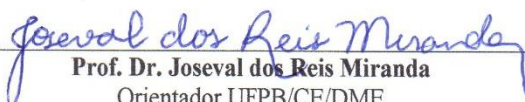
TERMO DE APROVAÇÃO

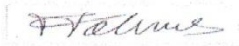
ERICK SILVA DE OLIVEIRA

**PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS PARA OS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS REVELAM?**

Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia
pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda
Orientador UFPB/CE/DME



Profa. Dra. Francisca Terezinha Oliveira Alves
Avaliadora – UFPB/CCAE/DED



Profa. Dra. Maria da Conceição Farias da Silva Gurgel Dutra
Avaliadora – UFPB/ CCHSA/DE

João Pessoa
01 de dezembro de 2021

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois ele permitiu que eu chegasse até aqui. Também dedico à minha mãe e por todos que acreditaram no meu potencial e que me deram forças durante toda a minha formação acadêmica.

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda as
pessoas. Pessoas transformam o mundo.”*
(FREIRE, 1987, p.87)

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são pontos essenciais e importantes, pois é neste momento em que é possível parar e relembrar de tudo e de todos que cooperaram para que mais uma etapa acadêmica pudesse ser concluída. Pensando nisso, agradeço a Deus por ter me dado forças, iluminado e por ter dado a sabedoria em todo o meu percurso acadêmico.

À minha mãe, dona Dalvinha, que sempre acreditou em cada sonho meu. Posso dizer que ela sonhou até antes de mim. Sempre foi ela desde o início da minha educação. É impossível não lembrar de suas orações pedindo que Deus estivesse me guiando em toda a minha formação. Quando não via forças em mim, enxergava nela o que eu precisava.

Ao meu amado irmão Hermerson. Desde sempre estive ao meu lado e via em mim o meu potencial. Com sua paciência, foi primordial ao ceder os seus recursos tecnológicos para o processo de escrita deste trabalho e de tantos outros que a academia exigiu.

Ao meu querido Wesley, já que vibrou muito em cada vitória minha alcançada dentro do curso. Ele também me deu forças para que eu continuasse seguindo em frente e com vigor para alcançar todos os meus sonhos.

Ao meu Professor Orientador Dr. Joseval dos Reis Miranda, que sempre foi solícito e que notou em mim o meu potencial para que esta produção acadêmica pudesse ser realizada da melhor forma possível. A gratidão é imensa, pois todas as orientações foram feitas com maestria e excelência, fazendo com que a minha autoestima continuasse elevada para conseguir os meus objetivos.

A todos/as os professores/as que passaram e marcaram a minha vida desde à educação infantil à universidade. Eles/elas me cativaram de modo singular, inclusive, serviram e servem como inspirações para o meu exercício enquanto educador.

Às minhas amigas Andréia, Cristiane, Heloísa, Lucibele, Stéfane, que estiveram comigo desde o início do curso. Com essas pessoas extraordinárias eu tive a oportunidade de vivenciar os meus melhores momentos durante à minha formação. Foram muitas histórias e lembranças lindas que marcaram a minha vida. Também não há como deixar de agradecer à minha amiga Caline, pois trocamos muitas experiências durante a nossa formação.

Agradeço também a cada energia positiva, a cada vibração, a cada palavra de ânimo oriundas de todos/as os/as meus/minhas amigos/amigas. Eles/elas foram “a teia” humanizadora que fez com que eu não caísse em meus medos e deixasse de viver com o meu sorriso no rosto, a vontade de ir além das minhas próprias limitações.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que foram seres de luz em todo o meu passar.

OLIVEIRA, Erick Silva de. **Professores/as alfabetizadores/as para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** o que as produções acadêmicas revelam? 2021. 71 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa-PB.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar de que maneira a temática sobre professores/as alfabetizadores/as está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A alfabetização e o letramento são termos que estão estreitamente ligados e que resultam na aquisição da língua escrita em diferentes práticas de linguagem. O caminho metodológico traçado foi por meio da abordagem qualitativa-quantitativa, no qual a característica foi o estudo voltado para a pesquisa de caráter bibliográfica. Por meio da coleta de dados e levantamentos realizados, foram selecionadas 30 produções acadêmicas que abordam sobre o/a professor/a alfabetizador/a. Como aporte teórico, houve as contribuições de Grossi (2010) – em relação aos níveis de aquisição da língua escrita –, Soares (2010, 2016, 2020), quanto aos conceitos e diferenças entre os termos “alfabetização e letramento”. Por intermédio dos estudos das teóricas Ferreiro e Teberosky (1999), aconteceu uma discussão referente à Psicogênese da Língua Escrita. Para tratar sobre o ambiente alfabetizador, ocorreu um diálogo com base nos trabalhos das autoras Assis (2013), Flores (2013) e Leite (2013). As pesquisas revelam que houve um conjunto de discussões sobre a atuação deste profissional, sobretudo, acerca da formação docente, ressaltando o PNAIC e os seus efeitos na alfabetização dos alunos. Também foi constatado que o termo “professor/a alfabetizador/a” não foi muito utilizado e que havia 25 pesquisas de cunho qualitativo, sendo 18 produções oriundas de instituições públicas. O total de 15 pesquisas estavam concentradas na Região Sudeste. Diante da pesquisa realizada também apresentamos algumas possibilidades para a organização do trabalho pedagógico do/a professor/a alfabetizador/a. Em virtude disto, esperamos que esta pesquisa contribua para que professores/as tenham maior compreensão sobre o seu papel, principalmente no que se refere à alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Professor/a alfabetizador/a. Psicogênese da Língua Escrita. Práticas pedagógicas. Alfabetização e letramento.

OLIVEIRA, Erick Silva de. **Beginning literacy teachers for Early Years Elementary: what do the academic productions reveal?** 2021. 71 page. Undergraduate thesis (Undergraduate degree in Education). Paraíba Federal University, Education Center, João Pessoa-PB.

ABSTRACT

This research has as main objective to analyze how the theme about beginning literacy teachers is present in academic production with regard to the process of beginning literacy and literacy in the Early Years of Elementary School. Beginning literacy and literacy are terms that are closely linked and result in the acquisition of written language in different language practices. The methodological path outlined was through the qualitative-quantitative approach, in which the characteristic was the study focused on bibliographic research. Through data collection and surveys, 30 academic productions were selected that address the beginning literacy teacher. As a theoretical contribution, there were contributions from Grossi (2010) – in relation to the levels of acquisition of written language – Soares (2010, 2016, 2020), with regard to the concepts and differences between the terms "beginning literacy and literacy". Through the studies of the theorist Ferreiro and Teberosky (1999), there was a discussion regarding the Psychogenesis of Written Language. To deal with the beginning literacy environment, a dialogue was based on the works of the authors Assis (2013), Flores (2013) and Leite (2013). The researches reveal that there was a set of discussions about the performance of this professional, especially about teacher education, emphasizing the PNAIC and its effects on the beginning literacy of students. It was also found that the term "beginning literacy teacher" was not widely used and that there were 25 qualitative studies, 18 of which came from public institutions. A total of 15 surveys were concentrated in the Southeast Region. In view of the research carried out, we also present some possibilities for the organization of the pedagogical work of the beginning literacy teacher. As a result, we hope that this research will contribute to teachers having a greater understanding of their role, especially with regard to beginning literacy and literacy in the Early Years of Elementary School.

Keywords: Beginning literacy teacher. Psychogenesis of written language. Pedagogical practices. Beginning literacy and literacy.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE – Centro de Educação
CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade
CNE – Conselho Nacional de Educação
CONEDU – Congresso Nacional de Educação
DCN's – Diretrizes Curriculares Nacionais
IBRADHES – Instituto Brasileiro De Desenvolvimento Humano E Social
IEP – Instituto de Educação da Paraíba
GINEAD – Instituto Nacional de Ensino a Distância
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
PB – Paraíba
PE – Pernambuco
PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAIC – Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa
REI – Repositório Institucional
SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica
SECAMPO – Seminário Internacional de Práticas Educativas
SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Métodos de alfabetização	32
Quadro 2 – Síntese das contribuições das publicações selecionadas para pesquisa	41
Quadro 3 – Objetivos gerais contidos nas publicações	43
Quadro 4 – Delineamento metodológico	47
Quadro 5 – Anos de publicação de cada obra acadêmica	47
Quadro 6 – Periódicos e/ou eventos nos quais as publicações estão inseridas	49
Quadro 7 – Documentos acerca da alfabetização mencionados nas produções	51
Quadro 8 – Presença de autores nas publicações selecionadas e obras recorrentes	53
Quadro 9 – Nível pré-silábico I	57
Quadro 10 – Nível pré-silábico I	58
Quadro 11 – Nível pré-silábico I	60
Quadro 12 – Nível pré-silábico I	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sugestão de ambiente alfabetizador I	24
Figura 2 – Sugestão de ambiente alfabetizador II	24
Figura 3 – Sugestão de ambiente alfabetizador III	25
Figura 4 – Sugestão de ambiente alfabetizador IV	26
Figura 5 – Sugestão de ambiente alfabetizador V	27
Figura 6 – Ficha de avaliação da Psicogênese da Língua Escrita (frente)	36
Figura 7 – Ficha de avaliação da Psicogênese da Língua Escrita (verso)	37
Figura 8 – Ficha para a produção dos(as) estudantes	38
Figura 9 – Ficha de mapeamento dos níveis de escrita	39
Figura 10 – Gráfico sobre o percentual de instituições que estavam presentes nas produções	50
Figura 11 – Gráfico do percentual de publicações em cada região brasileira	52
Figura 12 – Gráfico referente aos autores presentes nas publicações	53
Figura 13 – Nuvem de palavras a partir das palavras-chave contidas nas publicações	55
Figura 14 – Escrita no nível pré-silábico I	57
Figura 15 – Escrita no nível pré-silábico II	58
Figura 16 – Escrita no nível pré-silábico	59
Figura 17 – Escrita no nível alfabético	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	18
2.1 Alfabetização e letramento: tecendo os elos	18
2.2 O ciclo de alfabetização: algumas considerações	20
2.3 O ambiente alfabetizador: espaço de atuação para professores/as alfabetização	22
3 O/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A	28
3.1 Professor/a alfabetizador/a: quem é esse/essa profissional?	28
3.2 O trabalho do/a professor/a alfabetizador/a e a Psicogênese da Língua Escrita	31
4. ANÁLISE DOS DADOS	41
4.1 Sugestões de práticas pedagógicas para professores/as alfabetizadores/as	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67
BREVE CURRÍCULO DO AUTOR	71

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a alfabetização e letramento é também fazer uma espécie de memorial em relação ao próprio processo de aquisição da língua escrita. Lembro-me¹ que, ainda antes de ir à escola, pegava livros da minha mãe, olhava aqueles desenhos (era assim que eu achava ao ver os textos) e o que mais eu queria era escrever. Com lápis coloridos, fazia vários rabiscos e pra mim aquilo era sensacional e já estava aprendendo a escrever. Aos cinco anos de idade eu fui para sala da pré-escola, na Escola Municipal Noêmia Alves de Souza, que está localizada na cidade de Conde, estado da Paraíba. Ir à escola era como se fosse algo mágico. Os dois anos na educação infantil passaram-se de modo rápido e logo estava na sala da primeira série².

Na primeira série eu recordo-me de atividades de práticas de linguagem. Existia a leitura de cartazes, músicas e brincadeiras que tinham a alfabetização e o letramento como foco. A partir daquele eu ano comecei a “juntar as letras”, formar sílabas e ler algumas palavras. A sensação era como se estivesse descobrindo um mundo diferente, em que os adultos estavam mais inseridos. A cada palavra lida era uma vitória. Naquele ano, a minha vida não foi mais a mesma e o gosto pela leitura e escrita foi se tornando cada vez maior! Ao reportar-me à essa fase inicial em contato com o mundo letrado, posso dizer que o trabalho docente faz um diferencial enorme, pois tive professoras me cativaram muito.

Outro ponto muito marcante foi quando na terceira série eu tive a experiência de ir à biblioteca pela primeira vez. A minha professora sempre levava todos os alunos para momentos de contação de histórias na biblioteca da cidade. A partir deste momento consegui fazer um cadastro e pegar livros infantis. Sempre era uma nova descoberta quando abria os livros e conseguia viajar no tempo com as palavras e toda produção visual. Através do contato constante com a leitura, passei a também querer ser um escritor e ficava escrevendo as minhas histórias infantis. Na série seguinte a professora viu as minhas produções e fez questão de ler pra toda turma. Isso me fez enxergar o quanto ler e escrever possibilitou várias mudanças, pois também me lembro dos momentos em que eu fazia lista de compras pra casa dos meus avós, materiais escolares e até cartinhas de saudades para os meus parentes que moravam em outros bairros.

¹ Peço licença aos/as leitores/as para nesse momento de o texto usar a primeira pessoa do discurso por se tratar de algo muito particular.

² Em 2005, o sistema de ensino ainda era organizado em 8 anos. Porém, com a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, houve a ampliação do Ensino Fundamental pra 9 anos e com Resolução nº 7 de 14 de dezembro de 2010, estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos a serem analisadas em relação à sistematização curricular dos sistemas de ensino e de suas unidades escolares.

Estar na escola sempre era um dos melhores lugares. Por várias vezes os meus professores me cativavam e me pediam para que eu copiasse no quadro alguma lição do dia. Amava ajudar os meus colegas que tinham dificuldades nas atividades e também o meu irmão que estava nas turmas de alfabetização e letramento. O brincar de ser professor era umas das brincadeiras que mais me davam prazer. O quadro usado na minha casa para este momento era o chão de “piso queimado” e as minhas canetas eram os pedaços de gesso que encontrava pelas ruas.

O gosto pela escola só aumentava e foi ao término dos Anos Finais que eu decidi cursar o Ensino Médio na Modalidade Normal (Magistério) no Instituto de Educação da Paraíba. Durante todo o curso vivenciei experiências riquíssimas e que proporcionaram uma formação muito boa. Em 2016 eu conclui o curso e também tive a experiência de iniciar a docência como professor regente numa turma de 4º ano na própria escola³ em que eu estudava. Já no ano seguinte, em 2017, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

A Universidade Federal da Paraíba, mais especificamente o curso de Pedagogia, me possibilitou enxergar a educação como algo muito mais desafiador, abrangente e com um aporte teórico que conversava com a prática. Por várias vezes eu estudava e fazia relações com o meu fazer pedagógico. Com isso, passei a ler mais e pesquisar acerca dos aspectos educacionais. Ao longo do curso eu não tive muita disposição de tempo para vivenciar a academia além das salas de aula, mas sempre fui um aluno que busquei fazer vários cursos sobre as temáticas: alfabetização e letramento; jogos e ludicidade; literaturas infantis; formação docente; educação inclusiva; Base Nacional Comum Curricular; metodologias ativas; letramento matemático.

As oportunidades apareceram e em meio à pandemia tive a experiência de ser monitor bolsista em três períodos nos seguintes componentes curriculares: Currículo e Trabalho Pedagógico – EAD (2020.1); Corpo, ambiente e educação (2020.2); Corpo, ambiente e educação (2021.1). Apresentei remotamente três trabalhos em formato de comunicação oral (artigos) VII Seminário Internacional de Práticas Educativas – SECAMPO (2020), Mamanguape – PB. Essas produções acadêmicas foram: A materialização de políticas municipais de incentivo à permanência na EJA: estudo de caso em uma escola do município do Conde/PB; Ciclo de vida docente: evolução profissional e as práticas pedagógicas; Compreensão docente frente ao TDAH.

³ Como o Instituto de Educação da Paraíba (I.E.P) oferecia o Ensino Médio na Modalidade Normal, havia turmas de que eram tidas como salas de aplicação de atividades pedagógicas vinculadas ao curso. As turmas eram do Anos Iniciais do Ensino Fundamental e funcionavam nos turnos manhã e tarde.

Neste ano de 2021, desenvolvi mais três produções acadêmicas que foram aceitas no VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU (2021). Estes trabalhos de cominação oral estavam previstos para serem apresentados remotamente em dezembro de 2021. Esses trabalhos são: A Psicogênese da Língua Escrita: uma análise a partir da produção de alunos do terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental; Inclusão escolar: um relato a partir da análise da estrutura arquitetônica de uma escola privada; Desenvolvimento emocional infantil e a escolarização: a tarefa docente de regredir a serviço do ego.

A intencionalidade na qual eu pesquiso é para que entender mais ainda na realidade escolar dos estudantes e proporcionar momentos pedagógicos que gerem avanços e sempre estejam voltados para o fazer docente. O foco meu foco em pesquisar a educação sempre esteve voltado por entender o processo educacional principalmente nas escolas privadas. Acredito que a educação pública sempre será o meu norte, já que em toda a minha vida escolar e acadêmica estive em instituições de ensino de cunho público.

Como mencionado anteriormente, minha primeira experiência profissional foi em 2016, no Instituto de Educação da Paraíba (IEP) e nesta instituição pessoense fiquei com 1 ano e 4 meses em turmas de 4º e 5º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em 2018, veio a chance de atuar na minha cidade natal: Conde (PB). Continuei a minha trajetória docente em uma instituição de contexto rural, a Escola Municipal Dr. Abelardo Alves de Azevedo, que tive o enorme prazer em atuar até 2020. Ainda neste ano de 2020 houve vários fatos marcantes, sobretudo, o meu primeiro concurso público que fiz e fui aprovado. Já no ano de 2021 fui nomeado no Diário Oficial da cidade de Goiana (PE) e lotado em mais uma escola com a realidade de engenhos. Assumi a turma do 1º ano e foi muito proveitoso colocar em prática metodologias voltadas para este ano de ensino.

Nesse sentido, o desejo acerca da elaboração dessa pesquisa sobre o tema em questão iniciou desde as primeiras experiências docentes tanto nos estágios do Curso de Pedagogia quanto na atuação como professor das turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sobretudo, nos anos 4º e 5º desta etapa. Ao observar que a questão da alfabetização e letramento são assuntos que mais se fazem presentes nas salas de aula, houve vários questionamentos sobre qual o papel do/a professor/a alfabetizador/a.

A curiosidade em investigar acerca da atuação do/a docente alfabetizador/a acabou sendo mais intrigante ao ter a oportunidade de cursar o componente Organização e Prática do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia. Nessa disciplina foram debatidos textos de autoras como Magda Soares, Emília Ferreiro, Esther Pillar Grossi, dentre outros que tratavam sobre a alfabetização e letramento na primeira etapa do Ensino Fundamental, o que fez aguçar a vontade

em aprender acerca de como se dá a postura docente frente às metodologias para que os estudantes consigam fazer a apropriação da língua oral e escrita e o seu uso nas práticas sociais.

Esta pesquisa torna-se essencial para que, por meio das análises e reflexões das referências bibliográficas, os/as professores/as tenham maior compreensão sobre o seu papel, principalmente no que se diz respeito à alfabetização e letramento. A sistematização desse conhecimento vai ao encontro para que professores/as alfabetizadores/as pensem em práticas pedagógicas que possam ser capazes de possibilitar um ensino que vise o pleno desenvolvimento dos alunos nas salas de aula, fazendo com que os eles consigam aprender de formas mais diversificadas, lúdicas e que as atividades direcionadas nos espaços escolares estejam conforme as necessidades de cada um.

Alguns autores são mencionados nesta pesquisa para embasamento teórico. Desse modo, houve as contribuições de Esther Pillar Grossi (2010), em relação aos níveis de aquisição da língua escrita. Os estudos de Magda Soares (2010, 2016, 2020), no que se diz respeito aos conceitos e diferenças entre os termos “alfabetização e letramento”. Em consonância com os estudos das teóricas Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), aconteceu uma discussão no que diz respeito à Psicogênese da Língua Escrita. Para tratar sobre o ambiente alfabetizador, ocorreu um diálogo com base nos trabalhos das autoras Álen Assis (2013), Célia Flores (2013) e Isabel Leite (2013).

Partindo dessas vivências e colocações, houve a intencionalidade de pesquisar de que maneira a temática sobre professores/as alfabetizadores/as está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar de que maneira a temática sobre professores/as alfabetizadores/as está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para que o problema pudesse ser investigado em uma melhor perspectiva, existiu o levantamento de algumas questões que serviram como meio de sistematizar as informações e compreender o objeto de estudo. Essas reflexões foram:

- Como a temática sobre professores/as alfabetizadores/as é abordada nas produções acadêmicas mapeadas?
- Quais as produções acadêmicas que envolvem a temática sobre professores/as alfabetizadores/as e a sua relação com a Alfabetização e o Letramento?
- Como se apresentam os aspectos da produção acadêmica pesquisada?

- Como o/a professor/a alfabetizador/a pode organizar o seu trabalho pedagógico no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

De acordo com estas questões específicas, foram traçados os objetivos específicos abaixo:

- Refletir como a temática sobre professore/as alfabetizadores/as é abordada nas produções acadêmicas mapeadas.
- Mapear quais as produções acadêmicas que envolvem a temática sobre professores/as alfabetizadores/as e a sua relação com a Alfabetização e o Letramento.
- Caracterizar os aspectos da produção acadêmica pesquisada.
- Propor sugestões pedagógicas de como o professor/a alfabetizador/a pode organizar o seu trabalho pedagógico no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Com o objetivo e comprometimento concernente ao período de estudo e pesquisa do tema abordado, é primordial que se tenha uma análise crítica e reflexiva diante da problemática que fora colocada em discussão ao longo desta produção acadêmica, principalmente no que se diz respeito à metodologia utilizada. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa pode ser compreendida como

[...] a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43).

A pesquisa acadêmica assume um papel importante já que se trata de um trabalho intelectual e de busca para que fenômenos consigam ser estudados, analisados e compreendidos para que o conhecimento possa ser cada vez mais ampliado. O caráter desta pesquisa revela qual o percurso metodológico utilizado para que fosse possível tecer as séries de análises e resultados que serão tratadas detalhadamente no próximo capítulo. Desse modo, esta obra corresponde a uma pesquisa exploratória, uma vez que o Gil (2008), elenca que

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias [sic], tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento (GIL, 2008, p. 27).

Quanto à abordagem utilizada, alegamos que foi a qualitativa-quantitativa, pois caso fosse baseada em apenas uma abordagem, quantitativa ou qualitativa, esta pesquisa não seria capaz de dar conta de uma análise mais completa e de resultados mais próximos à realidade. Em consonância com Knechtel (2014), vemos que [...] a abordagem interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica) (KNECHTEL, 2014, p. 106).

No que se diz respeito ao tipo de estudo, pode alegar que se trata de uma pesquisa bibliográfica, pois é caracterizada com estudos e análises que são feitos a partir de um acervo bibliográfico que já existe, como por exemplo, livros, produções acadêmicas como artigos científicos, monografias, dissertações, e etc. (GIL, 2008).

O tipo de pesquisa presente neste trabalho foi o bibliográfico, porque reflete uma maior e melhor sistematização de resultados por meio da análise de materiais levantados no Repositório Institucional das Universidades Federais – REI, Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Plataforma *SciELO*, *Google Acadêmico*. Os acervos possibilitaram um maior contato com as produções acadêmicas que estão em consonância com o tema dessa pesquisa, e assim, uma análise mais apurada.

Posteriormente à coleta dos dados, de acordo com os objetivos elencados desta pesquisa, houve uma estruturação desses dados de modo que foram colocados em ordem, em seguida analisados, e para conseguir organizar as informações primordiais que foram encontradas, houve procedimentos de fichamentos, sínteses e resumos. E assim, foi possível pensar estratégias que consigam resultar numa prática docente mais efetiva quando o assunto é alfabetização e letramento

À vista disso, este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado a partir desta introdução, seguido pelo embasamento teórico que está formado em duas partes. A primeira se refere à alfabetização e letramento, existindo a conceituação destes dois termos, como também discussões a respeito do ciclo de alfabetização e do ambiente alfabetizador. A segunda parte da fundamentação aborda sobre o/a professor/a alfabetizador/a, o seu trabalho e também acerca da Psicogênese da Língua Escrita. Posteriormente, foi apresentado o levantamento e análise dos dados gerados conforme pesquisa. Por último, tem a apresentação das minhas considerações finais, referências utilizadas nesta pesquisa e um breve relato do meu currículo.

Neste momento, convido-lhe a entender um pouco mais desta produção acadêmica. Tenha atenção e deleite-se na leitura que poderá contribuir significativamente no seu fazer pedagógico acerca da alfabetização e letramento.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e o letramento são sinônimos? O que é alfabetizar? O que é letramento? O que é o ciclo de alfabetização? O que é e qual a importância do ciclo de alfabetização? Essas dúvidas são comuns quando dialogamos sobre o processo de aquisição da língua escrita. Na verdade, elas são ponto de partida para uma reflexão acerca do universo da alfabetização e do letramento, que serão discutidos ao longo desse capítulo.

2.1 Alfabetização e letramento: tecendo os elos

Magda Soares (2010) em sua obra “Letramento: um tema em três gêneros” sobre os conceitos de letramento, letrado, iletrado, analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização, alfabetizado e alfabetismo. O maior enfoque está na concepção de letramento, como é compreendido pelos/as professores/as e por toda a equipe escolar, de que modo ocorre em sala de aula, a sua relação com a alfabetização dos sujeitos de um modo geral, os impactos e a importância de promover um ensino que tenha em vista desenvolver a capacidade de pensar e agir dos estudantes, não ficando ao ato de ler e escrever de maneira isolada, mas inserida em um contexto significativo.

A autora começa destacando que a palavra letramento tem suas primeiras utilizações por volta dos anos 80 pelos estudiosos da Educação e das Ciências Linguísticas, sendo reforçada no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, de Mary Kato em 1986, e no livro “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso”, de Leda Verdiani Tfouni em 1988. A partir de então, a “nova” palavra começou a aparecer constantemente, inclusive outro livro, em 1995, “Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita”, de Ângela Kleiman trouxe em seu título indícios da questão do letramento.

As palavras similares quanto ao significado e uso de letramento acabam trazendo algumas complicações, e para um melhor entendimento, Magda soares recorreu ao Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa. Essas palavras são: analfabetismo (associado ao estado ou condição de ser analfabeto), analfabeto (pessoa que não lê e nem escreve), alfabetizar (relaciona-se com o ensinar a ler e a escrever), alfabetização e alfabetizado (indivíduo que consegue lê e escrever), letrado (sujeito versado em letras, erudito) e iletrado (indivíduo que não conhece trabalhos literários, assim como é analfabeto ou meio analfabeto).

Na procura do conceito de letramento, não foi possível encontrar o seu significado no dicionário como aconteceu com as outras palavras, por conta disso, traduziu-se a palavra para o inglês, o *literacy* e assim, atribuiu-se um novo significado: o estado ou condição assumido pelo sujeito que aprendeu a ler e a escrever. Nesse sentido, há uma amplitude bastante vasta, pois dá a ideia de que a escrita ocasiona em resultados socioculturais, políticos, econômicos, cognitivos e linguísticos. Em outras palavras, o letramento é a apreensão da leitura e escrita para exercer práticas sociais (SOARES, 2010).

Há uns tempos atrás, muitas vezes existia uma visão muito reduzida em relação ao processo de alfabetização, pois apenas bastava ler e escrever. Não precisava fazer o uso da leitura e da escrita, tornando o letramento como algo inexistente nas práticas pedagógicas. Vale mencionar que os países mais desenvolvidos avaliam os estudantes em relação ao letramento e não pelo fato da alfabetização, observando como as pessoas lidam com o ler e o escrever. Com isso, pode-se estabelecer que a alfabetização e o letramento são diferentes, apesar de serem conceitos estreitamente relacionados. O primeiro refere-se a apenas a decodificação de símbolos (o saber ler e escrever), já o segundo, como vimos anteriormente, ultrapassa esse sentido, pois concerne em utilizar a leitura e escrita para a compreensão por um viés de práticas sociais (SOARES, 2010).

O letramento traz inúmeras vantagens, visto que um indivíduo letrado consegue ter uma visão de mundo bem mais ampla do que uma pessoa que não é alfabetizada. Isso fica bem claro nas exposições de ideias e na linguagem oral. Às vezes um sujeito pode estar em estado de letramento e não ser alfabetizado, já que existem níveis de letramento. Dessa forma, é possível refletir quanto ao papel da escola: alfabetizar e letrar de maneira simultânea. A partir disso, o professor/a precisa pensar e ter práticas de ensino que consigam tornar os alunos alfabetizados e letrados. Ou seja, proporcionar atividades e materiais que estejam inseridos no ambiente de letramento mediante o contato e o uso da leitura e escrita, não limitando-se aos livros didáticos (SOARES, 2010).

Desse modo, o letramento deve ser bem entendido pelos/as professores/as e por toda a equipe escolar, para que os alunos possam ter práticas nas quais se utilizem da leitura e escrita por um viés sociocultural, não ficando limitado à decodificação de símbolos ou apenas escrever o próprio nome. No entanto, é importante que os/as educadores/as possibilitem uma alfabetização que esteja voltada para um ambiente de letramento, pois dessa maneira estará tornando os alunos em sujeitos transformados, críticos, ativos e inseridos em práticas sociais da leitura e escrita (SOARES, 2010).

Agora já que já vimos os conceitos sobre alfabetização e letramento, podemos avançar um pouco nessa discussão ao pensar sobre o ciclo de alfabetização. O que é esse ciclo de alfabetização? De que maneira foi elaborado? Como está organizado? Esses e outros questionamentos serão abordados no decorrer da próxima seção deste trabalho.

2.2 O ciclo de alfabetização: algumas considerações

Entre os anos de 2004 e 2006, o Ministério da Educação – MEC – criou o ciclo de alfabetização. Este ciclo correspondia aos três primeiros anos do Ensino Fundamental, ou seja, ao 1º, 2º e 3º anos. No mesmo momento em que foi criado, o MEC também lançou uma normativa que está presente na Lei 11.274, de 2006, que obrigava a todas as escolas a ampliar mais um ano de escolarização do Ensino Fundamental, passando de 8 anos para 9 anos. Devido a essa ampliação, as turmas de primeiro ano começaram a admitir alunos a partir dos seis anos de idade.

Conforme com o documento, o ciclo de alfabetização foi elaborado para que, no período a partir do 1º ano até o 3º, houvesse uma sequenciação de três anos, sendo recomendável que não acontecessem interrupções⁴, justamente por alegarem que o processo de alfabetização e letramento exigia um maior tempo e era preciso que também fossem diminuídas as taxas de repetências escolares principalmente nessas turmas de alfabetização. Desse modo, o Conselho Nacional de Educação (CNE), orientou também que os/as professores/as passassem a fazer o uso de práticas pedagógicas para que os estudantes, ao final do ciclo de alfabetização, pudessem ler, escrever e compreender o que liam.

Depois dessa normativa, passaram-se alguns anos e o MEC lançou a Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, que reforçava a necessidade de tornar ⁵o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), como um programa a nível nacional e com o comprometimento de todas das esferas (federal, estaduais e municipais), que visava: a formação continuada para os/as professores/as alfabetizadores/as (atuantes nas turmas de 1º, 2º e/ou 3º ano); a valorização do professor por meio de uma gratificação mensal durante o período de formação; materiais pedagógicos para serem trabalhados em sala de aula (BRASIL, 2012).

⁴ O antigo sistema era seriado e os estudantes que não estivessem alfabetizados ao final do primeiro ano do ensino fundamental acabam sendo reprovados. A categoria para a aprovação era saber ler e escrever.

⁵ No ano de 2007, mediante do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), foi criada a repassada a proposta do PNAIC, mas só depois de 5 anos que houve a efetivação do programa.

Em dezembro de 2012, o Ministério da Educação efetivou mais uma normativa, que foi intitulada de “Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental.” Em resumo, como o documento já diz em seu título, tratou-se de diretrizes que instauraram vários pontos acerca do ciclo de alfabetização, entre eles: Contexto atual do movimento curricular no Ensino Fundamental; Ciclo de Alfabetização e Currículo: caminhos para assegurar o direito à aprendizagem; Ciclo de Alfabetização- Conceitos fundamentais: alfabetização e letramento; Ciclo de Alfabetização e Avaliação: diferentes possibilidades; Avaliação diagnóstica/ formativa/ sistêmica (BRASIL, 2012).

Em 22 de dezembro de 2017, o MEC publica a Resolução CNE/CP nº 2, que tem por objetivo instituir e dar direcionamentos para que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) seja implementada de modo obrigatório em todo o cenário nacional. Houve várias mudanças na área educacional com a chegada da BNCC, e no que refere ao ciclo alfabetização, ficou decidido que ele compreenderia apenas o 1º e o 2º anos. No ano seguinte, em 2018, o PNAIC deixou de existir e deu lugar ao Programa Mais Alfabetização.

Nesse sentido, desde que o ciclo de alfabetização foi criado, de 2006 até os dias atuais, vemos que a intenção foi justamente discutir que a alfabetização e letramento não poderia limitar-se a apenas um ano específico, já que cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem. Por conseguinte, o/a professor/a alfabetizador/a que atua no ciclo de alfabetização deverá observar algumas práticas que merecem destaques:

- Planejar articuladamente com base no currículo e no ciclo de alfabetização, o que totaliza 400 dias letivos mínimos;
- Articular as vivências escolares com saberes adquiridos;
- Assegurar os direitos de aprendizagem por meio do auxílio, organização e avaliação processual e contínua;
- Analisar e refletir a escrita dos estudantes;
- Planejar de modo coletivo;
- Sempre deixar o alunado na posição de protagonista;
- Tornar a sala de um ambiente alfabetizador;
- Utilizar diversas estratégias pedagógicas.

Dessa forma, o ciclo de alfabetização precisa ser visto como uma organização na qual o/a docente deverá planejar e organizar atividades para que as crianças que passam por esta etapa consigam adquirir habilidades e competências leitoras para que as situações de práticas

de linguagens escritas e orais façam sentido. Em função disso, alegamos que o ambiente alfabetizador é um ponto essencial. Para saber mais sobre esse ambiente, há uma discussão no próximo ponto deste capítulo.

2.3 O ambiente alfabetizador: espaço de atuação para professores/as alfabetizadores

Inicialmente, é possível observar que as paredes das escolas “falam por si só”, a partir da decoração com personagens populares. Ou seja, a escola tem uma linguagem presente nas paredes, nas cores, em como as carteiras e mesas estão organizadas, os murais e até mesmo a ausência deles. Em tudo há uma gama de significados. É meio a isso tudo que a criança, ao ir estudar, começa a observar o ambiente que está inserida. Com isso, deve-se considerar que a função da escola é ampliar o repertório e os conhecimentos das crianças, bem como contribuir na sua formação cultural. E, neste caso, o aspecto visual da escola e da sala de aula são de extrema importância (FLORES, 2013)

É interessante pensar na escola como um ambiente de formação e alfabetização. A instituição de ensino deve rever as suas propostas pedagógicas e a partir disso traçar meios para conhecer os alunos, as realidades deles, e garantir que seja efetivado o desenvolvimento pleno do ser humano. Desse modo, a autora Assis (2013) aborda que a escola precisa ser vista como um lugar que é construído por todos os sujeitos que estão presentes nela. Então, o ambiente alfabetizador deve começar desde a estrada da escola à sala de aula do professor. Este ambiente precisa atrair as crianças de modo a incentivá-las à cultura do letramento e alfabetização.

Segundo Assis (2013, p. 11), “[...] o espaço nunca é neutro. Ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais que estão postas e das linguagens que estão representadas.” Portanto, depreende-se que o espaço escolar pode ser interpretado como um lugar de tomada de decisões, configurando então o currículo oculto⁶. Com isso, passamos a ter alguns questionamentos: Como estão sendo pensados os espaços? Qual a importância de refletir sobre os espaços? Como planejar os espaços? Como tornar a sala de aula um ambiente alfabetizador?

Nesse sentido, Assis (2013, p.13), afirma que “[...] a escola assume importância cada vez mais significativa na socialização das crianças, tornando-se lugar privilegiado de convívio e de produção de cultura.” Em geral, notamos que os cartazes, as imagens, os símbolos e os

⁶ O currículo oculto pode ser entendido como tudo aquilo que os estudantes acabam aprendendo no cotidiano escolar devido às interações, atitudes, expressão, modos e percepções que vão além do que está de forma explícita no currículo de ensino (SILVA, 2010).

desenhos que fazem parte da organização da escola e da sala de aula fomentam estereótipos de contexto e de família, bem como idealizam uma criança distante da que se fala.

É interessante frisar que muitas vezes algumas escolas acabam não pensando e nem refletindo os seus espaços. Isso é bastante preocupante, pois as crianças acabam sendo formadas em um espaço que não dá muito sentido. Então, é nesse momento que os/as professores/as das turmas de alfabetização deverão usar a criatividade e fazer com que a sala de aula seja um espaço de aprendizagem, acolhimento e afeto (ASSIS, 2013).

Para que a sala de aula seja um ambiente alfabetizador, Assis (2013) sugere que é preciso:

Nesse sentido, o espaço escolar que se o desenvolvimento humano pleno da criança pressupõe o direito à alfabetização como processo social e cultural mais amplo, incluindo a aprendizagem da leitura e da escrita. 16 propõe como ambiente formativo e alfabetizador deve ser cuidadosamente planejado. É necessário organizar a disposição do mobiliário (carteiras, armários, mesa) de modo a facilitar a circulação das crianças e favorecer a interação entre elas em atividades em duplas ou grupos. Os materiais disponíveis (livros de literatura, brinquedos, jogos, lápis de cor, papéis, mapas, revistas, jornais, panfletos etc.) devem ser colocados ao alcance das crianças, para uso de forma espontânea e sob a coordenação do/a professor/a, o que possibilita a iniciativa e a construção da autonomia, mostrando o quanto é importante que as crianças façam escolhas: não só sobre o material (tipo, cor), mas em relação à atividade (ler uma história, colorir, montar um quebra-cabeça etc.). (ASSIS, 2013, p. 15- 16).

Dessa maneira, conseguimos entender que o ambiente alfabetizador não pode ser preparado de qualquer jeito. É preciso existir um planejamento capaz de envolver desde o mobiliário aos brinquedos. Vemos também que os materiais devem estar acessíveis, já que devem manipulados pelas crianças. Elas precisam sentir-se atraídas pelo espaço escolar. Os mobiliários, os materiais e os livros devem ter uma boa qualidade. Além disso, precisar ter os vários cantinhos, tais como: Ciências, de Brincadeiras, de Faz de Conta, da Arte, da Matemáticas, da Leitura (LEITE, 2013).

Dessa maneira, a seguir há figuras que ilustram possibilidades de como o/a professor/a alfabetizador/a poderá organizar o ambiente alfabetizador em sua própria sala de aula, fazendo com que a criança esteja inserida em um espaço que permita vivências distintas a partir do uso da escrita.

Figura 1 – Sugestão de ambiente alfabetizador I



Fonte: <http://domcarloto2013.blogspot.com/2013/08/cantinho-de-leitura-na-sala-de-aula.html>

A proposta de ambiente alfabetizador ilustrado na figura anterior apresenta um cantinho da leitura. Por meio desse espaço, o/a professor/a poderá oferecer aos alunos diferentes meios de vivenciar o contato com a língua escrita, fazendo com que a curiosidade dos alunos seja cada vez mais aguçada ao instigar a imaginação e do próprio contato com o acervo literário (BETTELHEIM, 2009). Posteriormente seguiremos com mais possibilidades de ambiente alfabetizador.

Figura 2 – Sugestão de ambiente alfabetizador II



Fonte: <https://baudeideiasdaivanise.blogspot.com/2018/05/cantinho-da-matematica.html>

A figura anterior apresenta uma proposta de ambiente alfabetizador intitulado como “Cantinho da Matemática”. Ao observarmos melhor essa figura, notamos que há a exposição de números em diversos contextos e situações, havendo trabalho com formas geométricas, noções de contagem a partir de quantidades e também do sistema não convencional (imagens de mãos ao representar quantidades), jogos matemáticos e etc. Por meio disso, é interessante que o docente problematize conceitos matemáticos e explore jogos que consigam dar significados aos números (FARIAS; AZERÊDO; REGO, 2016). À frente teremos mais exemplos de possibilidades de ambiente alfabetizador.

Figura 3 – Sugestão de ambiente alfabetizador III



Fonte: <https://www.elo7.com.br/alfabetario/dp/4C16FF>

Na figura anterior, vemos que se trata de um alfabeto ilustrado. Essa possibilidade proporciona que a criança encontre sentido nas letras que estão sendo apresentadas, e isso colabora também para que o aluno entenda que as letras fazem parte da escrita de palavras. Em virtude disso, Solé (1998, p. 172) aborda que “[...] aprender a ler significa aprender a encontrar

sentido e interesse na leitura. Significa aprender a se considerar componente para a realização das tarefas de leitura e a sentir a experiência emocional gratificante da aprendizagem”

Mediante disso, entendemos que o professor precisa trabalhar com a leitura de modo contextualizado, problematizando a escrita das palavras ao fazer perguntas como “por que para cada figura, em sua escrita, há letras diferentes?”, “qual é o som da palavra AVIÃO e da palavra ESCOLA?”, dentre outras. A próxima figura traz mais possibilidades de como organizar um ambiente alfabetizador.

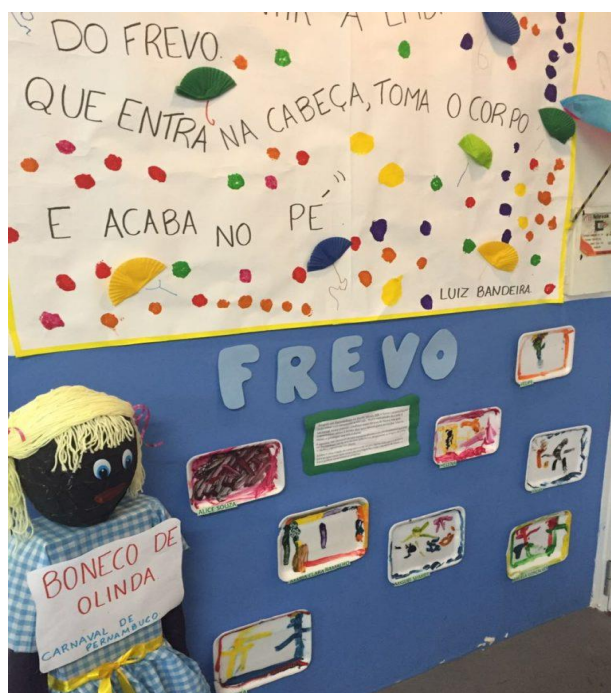
Figura 4 – Sugestão de ambiente alfabetizador IV



Fonte: <https://www.montanhascapixabas.com.br/alimentacao-saudavel-e-tema-de-projeto-no-cemei-maria-knidel-lube/>

A sugestão do ambiente alfabetizador retratado na figura anterior, exemplifica um mural em que há registros escritos e por meio de desenhos, figuras e imagens sobre a temática “frutas” e “alimentação saudável”. Ao observar melhor essa sugestão, constamos que mais uma vez a escrita passa a ter significado ao trabalhar em consonância com o contexto do aluno, além de usar a interdisciplinaridade no processo de alfabetização e letramento (LEITE, 2013). Posteriormente há mais um exemplo de ambiente alfabetizador que pode ser desenvolvido na sala de aula.

Figura 5 – Sugestão de ambiente alfabetizador V



Fonte: <http://estacaodoaprender.com.br/texposicao-festas-e-dancas-brasileiras/>

A figura anterior mostra uma sugestão de ambiente alfabetizador com um mural que ilustra e trabalha com questões regionais e culturais. Com isso, passamos a compreender que a alfabetização e o letramento podem ser instigados a partir de debates e confecção de murais que tenham o foco na cultura local. Além de desenvolver a escrita da criança, há também um trabalho articulado com questões culturais e isso vai ao encontro do que Moreira e Silva e (1994, p, 26) abordam ao enfatizar “A educação e o currículo são vistos como profundamente envolvidos com o processo cultural.”

Destarte, observamos como o ambiente alfabetizador é necessário em todo o espaço escolar em que a criança está inserida e que o professor precisa saber organizar esse ambiente para que seja atrativo para o alunado. Então, no próximo capítulo refletiremos acerca do papel do/a professor/a alfabetizador/a.

3 O/A PROFESSOR/A ALFABETIZADOR/A

Na educação, sobretudo nos primeiros dois anos dos Anos Iniciais, ouve-se bastante sobre o/a professor/a alfabetizador/a. Diante dessa figura, vemos que surgem algumas reflexões tais como: Quem é esse/essa profissional? Qual a sua importância? Quais são as suas características? O que ele/ela faz? Quais os desafios que ele/ela enfrenta? Qual o seu papel? Bom, esses questionamentos são o convite para uma leitura interessante, que terá o objetivo de trazer soluções e inquietações acerca desse profissional.

3.1 Professor/a alfabetizador/a: quem é esse/essa profissional?

Estar em sala de aula é sempre uma chamada para abraçar os desafios e todo o fazer pedagógico, seja em qualquer nível de ensino. O/a professor/a sempre deverá ter o espírito inquietante no sentido de buscar melhorias em sala de aula. Na segunda etapa de ensino, Ensino Fundamental, mais especificamente nos dois primeiros anos dos Anos Iniciais, o docente tem o dever de fazer com que os alunos consigam ser alfabetizados e letrados. Porém, é qualquer docente que atua nessas turmas? A resposta para isso é muito complexa, mas de modo geral o mais indicado seja que o/a professor/a alfabetizador/a atue no 1º e/ou 2º ano dos Anos Iniciais. Mas, por que isso?

Porque o/a professor/a alfabetizador/a é – ou deveria ser – o profissional que lança mão de várias metodologias, com a finalidade de fazer com que os alunos sejam alfabetizados. É o/a professor/a que possui habilidades e competências um fazer pedagógico que consiga mostrar o mundo letrado e escrito para os estudantes. É o/a professor/a que atua nas turmas de alfabetização. O/a professor/a alfabetizador/a, assim como qualquer outro, deve sempre passar por formações que possibilitem que as suas práticas estejam sempre passando por inovações.

Nesse sentido, a formação é uma questão de direito e que está prevista em normativas. Como exemplo disso temos o Título VI- Dos profissionais da Educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – nº 9.394/96, aborda que:

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

1. a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;
2. aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos

superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão:

1. cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;
2. programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;
3. programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Em linhas gerais, esse Título VI da LDBEN nº 9394/96, fala sobre os profissionais da educação, mais precisamente sobre a formação. No que se refere ao professor/a alfabetizador/a, notamos que as formações continuadas proporcionam aos/as docentes uma atuação pedagógica mais respaldada nos estudos e teorias sobre alfabetização e letramento. Com isso, essas normativas podem ser resumidas em:

- As bases da formação dos profissionais da educação;
- Os níveis de formação para que os/as professores/as possam atuar nas turmas da educação básica;
- Os deveres das instituições de cursos superiores em educação;
- Como deve ser a formação dos/das professores/as que atuam na educação básica;
- A forma base para a docência no âmbito superior;
- Mecanismos para a valorização de todos os profissionais da educação.

No entanto, por meio da LDBEN nº 9394/96 foi possível pensar um pouco mais sobre a formação do/a professor/a e a valorização do docente. Logo, isso implica em um fazer pedagógico mais articulado com a teoria, resultando então em uma aprendizagem para os estudantes. Vale mencionar que o/a professor/a alfabetizador/a deverá também buscar formações continuadas para aprimorar as suas práticas e que elas estejam bem consolidadas.

Outro ponto que merece destaque quanto ao/a professor/a alfabetizador/a é acerca da necessidade de cativar os estudantes em todo o processo de leitura e escrita. É proporcionar prazer no decorrer do que for ensinado. No entanto, tornar o ensino prazeroso não implica em dizer que não haverá exigências, mas está relacionado ao despertar de interesses dos alunos, dando-lhes os suportes necessários e fazendo-os as devidas cobranças para que a aprendizagem

seja desenvolvida. A partir disso, vale mencionar que o prazer e o desejo são pontos elementares na vida estudantil (CHARLOT, 2013).

Conforme Charlot (2013), o processo de ensino e aprendizagem passa por dois pontos a motivação e a mobilização. O primeiro ponto - a motivação – vem de fora, já a mobilização acontece de maneira interna. Assim, o/a professor/a motiva e o discente tem que mobilizar o que fora motivado. A partir disso, é de grande valia entender que o/a docente deve estar motivado/a em sala, já que ele precisa cativar todos que estão ao seu redor. Nesse sentido, estudantes desinteressados devem ser incentivados no ambiente escolar, pois as metodologias mais variadas que são utilizadas no decorrer do exercício pedagógico não servirão de nada (CHARLOT, 2013).

Para além disso, podemos citar algumas habilidades e competências do/a professor/a alfabetizador/a:

- Usa metodologias ativas;
- Não foca em apenas um método de alfabetização;
- Está sempre aberto para práticas inovadoras;
- Leva em consideração todo o processo de escrita da criança;
- É dinâmico e traz aulas lúdicas que sejam capazes de mobilizar o alunado;
- Considera o ritmo de aprendizagem de cada criança;
- Entende que toda a escrita dos alunos é importante;
- Tem um trabalho articulado com um planejamento bem elaborado;

Quanto aos desafios devemos dizer que, estar em sala de aula implica em vivenciar constantes impasses e provações. É um espaço de multiplicidade, assim como Goulart (2007, p. 86) destaca que “Na escola e na vida, encontramos a multiplicidade de sujeitos e de modos de viver, pensar e ser.” Então, sempre é um grande desafio trabalhar a diversidade (cultura nas escolas), uma vez que é preciso analisar o entendimento crítico e o preparo de educadores/as.

Ainda convém lembrar que a escola apresenta um papel muito significativo, pois esta é responsável por trazer para o cotidiano vários assuntos concernentes ao pensar, agir, crer e falar diferente. No entanto, a educação se ocupa em trabalhar o cognitivo para que os seres possam viver em sociedade e consigam adquirir mudanças no campo do pensar (GOULART, 2007).

Mediante essa discussão sobre quem é o/a professor/a alfabetizador/a, alegamos que este/esta profissional é importante, tem características precisas e necessita de uma formação específica para que as suas ações pedagógicas que consigam desenvolver um avanço dos alunos que estão nas turmas referentes ao ciclo de alfabetização. Diante disso, é interessante cogitar a

respeito do trabalho do/a professor/a alfabetizador/a e a relação com a psicogênese da língua escrita. Poderemos entender melhor sobre assunto no próximo item.

3.2 O trabalho do/a professor/a alfabetizador/a e a psicogênese da língua escrita.

Em turmas de alfabetização geralmente se espera que o/a professor/a tenha em mãos várias possibilidades didáticas para propiciar um ensinar e aprender da melhor forma possível. E juntamente com essa espera existe uma certa cobrança para que os/as docentes alfabetizadores/as consigam dar conta de todo o aporte teórico. Essa cobrança dá-se de várias formas: por parte das mães, pais e familiares, por parte das crianças que são cobradas em casa, por parte da escola que tenta alcançar os objetivos educacionais quando são traçados para todo o ano letivo, por parte das secretarias de educação, por conta das provas externas para verificar o nível de alfabetização e letramento dos estudantes, etc. Há uma série de desafios e, principalmente para os/as professores/as alfabetizadores/as que estão em suas primeiras turmas de aula, um desses desafios são as perguntas que podem surgir no momento do planejar: como alfabetizar? Quais os métodos devem ser utilizados? Qual o melhor método seguir?

Para conseguir pensar um pouco mais sobre o trabalho do/a professor/a alfabetizador/a, torna-se importante enfatizar que não há um método específico para alfabetizar, mas que é preciso ir de acordo com a necessidade da criança. Sendo assim, é válido que o professor tenha em mente quais foram os métodos tradicionais de alfabetização para estar ciente, e nós acompanharemos o quadro resumo a seguir que traz uma série de informações sobre cada método de alfabetização.

Quadro 1 – Métodos de alfabetização

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	O QUE É?	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	VANTAGENS	CRÍTICAS
MÉTODO SINTÉTICOS	O ponto de partida está em elemento menores do que a palavra; Faz uma ligação entre a grafia e o som de uma palavra. Este método divide-se em três: alfabético, fônico e silábico.	<u>ALFABÉTICO</u> Este método também pode ser conhecido como “soletração”; Considerado O método mais antigo; Primeiro: deve-se aprender os nomes das letras. Segundo: Identificar as letras fora da ordem alfabética; Terceiro: Reconhecer as palavras em frases e textos utilizando a soletração.	O aluno é capaz de reconhecer que as letras e sílabas são muito importantes.	Memorização dissociada ao contexto; Fragmentação no processo de alfabetização.
		<u>FÔNICO</u> Este método também pode ser conhecido como “fonético”; Correlaciona o fonema ao grafema; Ensina-se gradativamente dos sons menos complexos aos mais complexos. Ensina-se os sons as vogais e depois consoantes; Palavras, sílabas, frases e textos são ensinados posteriormente.	O estudante passa a fazer uma correlação entre a linguagem oral e escrita.	Uma mesma letra que configuram sons variados.
		<u>SILÁBICO</u> Compreende que a sílaba é a unidade primordial para o processo de alfabetização; São apresentadas as sílabas canônicas e depois as não canônicas.	Leva ao aluno a compreender que a fala é seguida por sílaba.	Decoração de sílabas e palavras sem sentido.
MÉTODOS ANALÍTICO	O ponto de partida está em palavras ou em elementos maiores que estas. Este método divide-se em três: palavração, global e sentencição.	<u>PALAVRAÇÃO</u> A palavra é a unidade linguística primordial. Conseguir formar uma grande quantidade de palavras até realmente formar textos. Atenção aos detalhes, traços de escrita das palavras.	Geralmente as palavras não são escolhidas de qualquer modo.	Geralmente apresenta dificuldade em distinguir palavras novas, pois ficou nos elementos gráficos.
		<u>GLOBAL</u> A unidade de partida é o texto. Método que está estreitamente associado aos contos de fada. Mantém o olhar atento para o sentido que o texto possibilita.	Permite que o aluno tem acesso ao texto desde o princípio de alfabetização.	A criança necessita de utilizar textos com sentidos reais.
		<u>SENTENÇIAÇÃO</u> A frase é entendida como a unidade linguística para o desenvolvimento da compreensão e leitura.	Possibilita aos estudantes que sejam capazes de associar um texto ao seu significado.	A criança pode transparecer dificuldade em codificar e decodificar as palavras e frases dentro de um texto.

Fonte: Sistematização feita a partir do livro “Alfabetização: a questão dos métodos”, de Soares (2016).

Por meio desse quadro é possível ter uma visão mais geral e resumida sobre como e quais são os métodos tradicionais de alfabetização. O/a professor/a alfabetizador/a não deve

apegar-se a um método específico, mas fazer um planejamento conforme a necessidade pedagógica e entendendo que o seu papel é usar as metodologias cabíveis para que o estudante possa aprender da melhor forma possível. Então, a atividade docente implica em várias práticas pedagógicas, sobretudo em turmas que compreendem o ciclo de alfabetização. Então, o professor precisa ser um constante pesquisador, pois Goulart (2009) aborda que:

[...] considerando que a cada ano recomeçamos nossa ação educativa como novas crianças e adolescentes num mundo em constate mudança. Daí a necessidade de estudo contínuo, demandando, assim, atualização e revisão de nossas práticas. (GOULART, 2007, p. 85 – 86).

Com isso, o/a professor/a precisa ressignificar as suas práticas metodológicas em sala de aula, como também estar aberto para o novo, atualizando-se e mantendo-se informado acerca das mudanças que vem ocorrendo no mundo tecnológico, por exemplo. Ainda é necessário que o docente tenha a clareza que cada turma tem um jeito mais específico de lidar, por mais que seja pertencente ao mesmo ano de ensino ou escola. No entanto, a atividade docente é algo em constante reflexão, pois é interessante diagnosticar os pontos positivos e negativos que ocorreram durante o ano letivo, bem como a inclusão de metodologias ativas que conversem com o tempo presente dos estudantes.

Em turmas de alfabetização, é importante que o/a professor/a alfabetizador/a tenha o hábito de fazer a avaliação da Psicogênese da Língua Escrita. O que seria essa avaliação? Antes de tudo, vale mencionar que a Psicogênese da Língua Escrita se refere a uma teoria que foi estudada, aprofundada e concebida por duas teóricas: Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Essa teoria surgiu a partir das inquietações das teóricas ao observar que em vários países não apresentaram muitos avanços no processo de alfabetização. Observaram os vários métodos de alfabetização e constaram que o erro não era esse, mas sim a falta de práticas pedagógicas mais eficientes. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Ao notar a problemática relacionada às questões de alfabetização, Ferreiro e Teberosky (1999), respaldaram-se na Teoria de Desenvolvimento Cognitivo, de Jean Piaget, para compreender como se dava o processo de aquisição da língua escrita. Após longas análises e estudos, as teóricas compreenderam que o existe um percurso até chegar à alfabetização, e esse percurso passou a ser chamado de psicogênese da alfabetização. Nessa psicogênese da alfabetização, constatou-se também que alguém que vai se apropriando do sistema escrita passa

por várias hipóteses/níveis⁷, que foram denominadas em: Hipótese pré-silábica; Hipótese Intermediária I, Hipótese silábica, Hipótese silábico-alfabético ou intermediária II, Hipótese alfabética. Diante disso, desenvolveram a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

É importante frisar que, para as discussões neste trabalho, será adotada a divisão que a Esther Pilar Grossi (2010) faz em relação à aquisição da língua escrita: nível pré-silábico I, nível pré-silábico II, nível silábico e o nível alfabético. Com isso, etapa possui características das escritas referentes a cada nível podem ser acompanhadas melhor no próximo subcapítulo desta produção acadêmica.

Sendo assim, esta autora faz a discussão de que a para o professor ter um trabalho docente que consiga avançar cada vez mais em relação ao processo de escrita dos seus alunos, ela sugere que o/a docente faça sempre uma avaliação diagnóstica, ou seja, realize avaliação⁸ da Psicogênese da Língua Escrita. Já que esta avaliação consiste em uma série de detalhes, devemos entendê-la em três momentos: planejamento inicial; execução; análise e práticas pedagógicas.

O primeiro momento é de planejamento inicial. É o momento do “o que fazer”, “como fazer”, “para quê”. Nele está a chave para que a avaliação psicogenética tenha um maior êxito, e para isso sugere-se:

- O professor realize a avaliação logo nos primeiros dias e durante todo o ano letivo;
- Escolher 8 palavras⁹ de modo que estas sejam: 2 monossílabas (por exemplo, “BOI” e “CÃO”); 2 dissílabas (por exemplo, “SA-PO” e “GA-LO”); 2 trissílabas (por exemplo, “MA-CA-CO” e “CA-VA-LO”); 2 polissílabas (por exemplo, “CA-MA-LE-ÃO” e “TAR-TA-RU-GA”).
- Escolher uma frase não muito curta e não muito longa, e de preferência que tenha relação com pelo menos uma das palavras escolhidas anteriormente. Por exemplo: “O

⁷ Esse modelo de organização da psicogênese da alfabetização é o que Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) desenvolveram em sua Teoria da Psicogênese da Língua Escrita. Então, vale ressaltar que existem outros teóricos que tecem estudos sobre a Alfabetização e Letramento, que acharam melhor usar outros níveis com nomenclaturas diferenciadas. Mas as variadas divisões versam sobre a aquisição da língua escrita e estão corretas (FERREIRO, 1999), (GROSSI, 2010), (SOARES, 2020).

⁸ A avaliação da Psicogênese da Língua Escrita tem o caráter de avaliação diagnóstica, pois é importante que seja realizada no início do ano letivo, pois a partir disso o professor poderá traçar meios para que os alunos avancem no seu processo de alfabetização e letramento. É também importante frisar que esta avaliação assuma um caráter contínuo e que pode ser realizada a cada bimestre, por exemplo (GROSSI, 2010).

⁹ Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), há uma recomendação para que a escolha dessas palavras seja de um único campo semântico (por exemplo, partes do corpo, materiais escolares, objetos, brinquedos, etc.). As 8 que foram escolhidas são do campo semântico “ANIMAIS”.

NOME DO BOI É BILÚ.”; “O SAPO NÃO LAVA O PÉ.”; “O MACACO É MUITO SAPECA.”; “A TARTARUGA É BONITA.”.

- Ter cuidado ao escolher as palavras e frases, pois deve-se levar em consideração a turma em que será feita a avaliação.

O segundo momento é o de execução, como o nome já diz, é o instante no qual o professor deverá tomar todos os cuidados para que tudo o que foi planejado possa surtir um grande efeito em sua execução. Desse modo, precisa-se:

- Conversar com a turma e explicar que não se trata de uma prova ou que “valerá” uma pontuação, mas sim de uma atividade que vão ajuda-los a aprender mais;
- Tenha preparado uma pequena folha para que os alunos possam fazer o registro da avaliação. É interessante que tenha um cabeçalho para ser preenchido pela própria criança;
- As palavras podem ser organizadas com imagens – tipo um autoditado – ou o professor pode proferi-las de forma pausada e uma por vez;
- A frase deve ser dita de maneira pausada.

O terceiro momento é tão importante quanto os outros. Nessa etapa o professor pode pensar: o que fazer com as produções? A resposta para isso é analisar e desenvolver atividades pedagógicas. Com isso, é importante frisar que:

- A avaliação psicogenética como um ponto de partida para planejamento de atividades pedagógicas.
- A análise individual de cada produção merece seguir uma sistematização de avaliação para identificar em qual nível de escrita a criança se encontra;
- É indicado que o professor passe a pensar em várias práticas pedagógicas com toda a turma (será discutido melhor no próximo subcapítulo desta pesquisa);
- Desenvolver atividades que estejam de acordo com o nível de escrita de cada criança (será discutido melhor no próximo subcapítulo desta pesquisa).

Para ilustrar melhor essa avaliação, é possível acompanhar um modelo da ficha de avaliação psicogenética e um outro modelo de uma ficha para a produção dos estudantes.

Figura 6 – Ficha de avaliação da Psicogênese da Língua Escrita (frente)

1

ESCOLA: _____

NOME DO(A) ESTUDANTE: _____

IDADE: _____ SÉRIE: _____ TURNO: _____

AValiação da Psicogênese da Língua Escrita

NÍVEL	CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	SIM	NÃO
PRÉ-SILÁBICO I	Não consegue compreender que a escrita é uma das representações da fala.		
	Não consegue distinguir sons de letras.		
	Faz garatujas e símbolos para representar letras.		
	Não consegue realizar a diferenciação entre letras e números.		
	Pensa que o tamanho dos objetos tem a ver com a quantidade de letras da palavra.		
	Entende que o desenho é uma escrita.		

NÍVEL	CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	SIM	NÃO
PRÉ-SILÁBICO II	Começa a perceber que os desenhos não são a de fato a escrita.		
	Não está habilitado para fazer correlação entre letras e sons.		
	Faz diferenciação entre imagem e texto escrito.		
	Faz o uso de rabiscos que remetem às letras.		
	Pensa que a quantidade de letras em uma palavra está relacionada à proporção do objeto real.		
	Não consegue associar os sons da fala à escrita.		
	Apresenta dificuldades em diferenciar letras, sílabas, palavras e frases.		

NÍVEL	CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	SIM	NÃO
SILÁBICO	Entende que as letras são as representações de sons da fala.		
	Não faz a escrita de qualquer modo, pois articula de acordo com a pronúncia das palavras.		
	Percebe que as letras de forma aleatória não podem representar sílabas.		
	Consegue localizar o modo e a posição das letras.		
	Acaba fazendo a cópia de palavras de maneira impensada e/ou lida.		
	Introduz a necessidade de pôr estruturação das letras nas palavras.		
	Depreende que há sons parecidos com grafias diferenciadas.		

NÍVEL	CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	SIM	NÃO
ALFABÉTICO	Entendem que a junção de letras resulta em sílabas.		
	Carecem de um pouco de atenção para com os erros referentes à grafia.		
	Consegue ler.		
	Podem apresentar dificuldades em pôr espaçamentos de uma palavra para outro numa frase e/ou texto.		
	Comumente acabam escrevendo do mesmo modo que fala/escuta.		

Fonte: Ficha ofertada a partir da disciplina Organização e Prática do Ensino Fundamental, do Curso de Pedagogia, da UFPB.

Figura 7 – Ficha de avaliação da Psicogênese da Língua Escrita (verso)

2

NÍVEL DE ESCRITA NO QUAL O(A) ESTUDANTE SE ENCONTRA:

NÍVEL	SIM	NÃO
PRÉ-SILÁBICO I		
PRÉ-SILÁBICO II		
SILÁBICO		
ALFABÉTICO		

NOME DO(A) AVALIADOR(A): _____**PRODUÇÃO COMPROVANTE DA AVALIAÇÃO DO(A) ESTUDANTE:**

COLAR AQUI A PRODUÇÃO DO(A) ESTUDANTE.

DATA DA AVALIAÇÃO: ____/____/____

Fonte: Ficha ofertada a partir da disciplina Organização e Prática do Ensino Fundamental, do Curso de Pedagogia, da UFPB.

Figura 8 – Ficha para a produção dos(as) estudantes.

ESCOLA:			
NOME:			
IDADE:	____ ANOS	SÉRIE:	____ ANO DATA: ____ / ____ / ____
<u>DITADO</u>			
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9. (FRASE):			

Fonte: Autor, 2021.

Essas três figuras acima são exemplos de fichas que podem ser usadas no momento da avaliação psicogenética. O/a professor/a avaliador/a deverá preencher a ficha de maneira cuidadosa, analisando a produção feita de cada estudante a partir das características presentes em cada etapa de escrita. Na ficha referente à produção dos estudantes vale mencionar que, o/a professor/a avaliador/a pode fazer as seguintes reflexões:

- O(a) estudante consegue escrever o nome da escola? Se sim, a escrita está correta?
- O(a) estudante consegue escrever o próprio nome completo ou apenas uma parte dele? Se sim, a escrita está correta?
- O(a) estudante consegue escrever o número referente à sua idade? Se sim, a escrita está correta?
- O(a) estudante consegue escrever o número referente à sua série? Se sim, a escrita está correta?
- O(a) estudante consegue escrever preencher data? Se sim, a escrita está correta?
- Há palavras que o(a) estudante escreveu corretamente? Se sim, quantas?

- O(a) estudante preferiu escrever com letras cursivas ou de forma?
- A escrita da frase teve espaçamento entre as palavras?
- Foi obedecida a pontuação na escrita da frase?
- Qual o critério de escrita utilizado em cada palavra que do(a) estudante?

Esses questionamentos são essenciais para que o/a professor/a alfabetizador/a faça uma análise com bastante atenção. Após esse momento o/a educador/a poderá fazer uma tabulação dos resultados das escritas dos alunos e ver qual é o perfil da sua turma. Para essa tabulação é recomendável que o professor faça o uso de uma ficha que será exemplificada abaixo.

Figura 9 – Ficha de mapeamento dos níveis de escrita

ESCOLA: _____

PROFESSOR(A) _____

TURMA: _____ ANO: _____

MAPEAMENTO DOS NÍVEIS DE ESCRITA

ESTUDANTES	1ª UNIDADE	2ª UNIDADE	3ª UNIDADE	4ª UNIDADE
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				

SÍNTESE DE ACOMPANHAMENTO

NÍVEIS (LEGANDA)	QUANTIDADE DE ESTUDANTES POR UNIDADE			
	1ª UNIDADE	2ª UNIDADE	3ª UNIDADE	4ª UNIDADE
PRÉ-SILÁBICO I				
PRÉ-SILÁBICO II				
SILÁBICO				
ALFABÉTICO				

Essa ficha anteriormente mencionada serve para que o/a professor/a consiga fazer o mapeamento da sua turma, bem como acompanhar em determinados períodos – foram colocadas na ficha quatro unidades, mas pode ser acrescentadas mais unidades ou pode também fazer um acompanhamento de modo mensal ou bimestral. Nesse modelo é possível enxergar também como os alunos estão avançando e a quantidade, e assim, vai sendo traçado perfil de cada estudante e de toda a turma.

Com isso, notamos o quão indispensável é a atuação do/a professor/a alfabetizador/a, já que este/a é o/a responsável por organizar todo o ambiente alfabetizador, planejamento, avaliação da Psicogênese da Língua Escrita e mediar as situações de alfabetização e letramento. Em virtude da prática do/a professor/a alfabetizador/a, veremos no próximo capítulo qual o caminho metodológico traçado para as análises e discussões desta pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo veremos o que as produções acadêmicas abordam sobre os/as professores/as alfabetizadores/as. Ao considerar que na pesquisa científica é preciso haver um cuidado com o acervo analisado, foi pensando nisso que este trabalho assumiu o comprometimento e fidedignidade de todos os dados e das informações que subsidiaram as discussões e resultados encontrados.

Foram analisadas 30 produções acadêmicas entre os períodos de 2016 e 2021. Esse período de seis anos entre as produções acadêmicas foi escolhido por que havia poucas obras que envolviam a temática em um menor intervalo de tempo do qual fora estabelecido. Como o objetivo deste trabalho foi a análise acerca do/a professor/a alfabetizador/a, foram selecionadas apenas esta quantidade de produção – pois estas foram as que mais se aproximaram da temática da pesquisa –, sendo 06 de cada portal/endereço eletrônico que já houve a citação deles no capítulo anterior.

Com o intuito de pudermos entender melhor a ideia central de cada trabalho acadêmico, a seguir teremos um quadro em que contém a descrição de cada título e as referidas sínteses.

Quadro 2 – Síntese das Contribuições das publicações selecionadas para pesquisa

Publicações	Sínteses
A formação continuada para o professor alfabetizador no Município de Presidente Kennedy-ES: diagnóstico e realidade	Foca em compreender como ocorre a formação continuada oferecida para os professores alfabetizadores de Presidente Kennedy-ES.
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de Corumbá-MS (2013 -2018): avanços e desafios	Traz um estudo sobre quais são os impasses que os professores alfabetizadores do primeiro ciclo enfrentam no município de Corumbá-MS.
O Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa e a responsabilização (<i>accountability</i>) do professor alfabetizador.	Aborda sobre as políticas educacionais em relação ao PNAIC e ao professor alfabetizador.
Formação do professor alfabetizador	Faz um recorte histórico sobre a formação do professor alfabetizador e as políticas nacionais sobre alfabetização.
Desafios e dificuldades do professor alfabetizador	Analisa e discute quais os impasses e situações diversas que fazem parte do cotidiano do professor em salas de alfabetização.
O que dizem as pesquisas que investigaram a temática “professor alfabetizador” no Brasil no período de 2010 a 2018?	Faz uma análise a respeito dos que as produções acadêmicas discutem sobre o professor alfabetizador no período de 2010 a 2018 na CAPES e BDTD – IBICT.
A articulação teoria-prática na formação inicial do professor alfabetizador	Discute a articulação que entre teoria e prática no que tange a formação docentes alfabetizadores do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Alfabetização, discurso e produção de sentidos sociais: dimensões e balizas para a pesquisa e para o ensino da escrita	Aborda quais e como são as metodologias de alfabetização com o enfoque no sistema de escrita.
Jogos como recursos didáticos na alfabetização: o que dizem e fazem as professoras	Trata-se da investigação de ações de docentes alfabetizadores que fazem parte de escolas da rede municipal de Salvador quanto ao uso de jogos voltados à apropriação da língua escrita.
Formação continuada para professores no Pacto Nacional pela Alfabetização: continuidades, rupturas e ressignificações	Versa sobre a análise de relatórios dos Orientadores de Estudo (OE)5 do PNAIC acerca de como se configurou a formação desse programa nas redes de ensino de Santa Catarina.
O livro alfabetização... Uma aventura para a criança e sua adoção pelas professoras catarinenses na década de 1980: um estudo sobre esse percurso	Apresenta o livro “Alfabetização... Uma aventura para a criança”, de 1981, e faz uma análise como o Estado o fez chegar às professoras alfabetizadoras das escolas públicas catarinenses naquele período.
Produção de texto no 3º ano do ensino fundamental: revisão e reescrita no desenvolvimento das funções psicológicas superiores	Debate a respeito da reescrita a partir de sugestões de professores em turmas do 3º ano do ensino fundamental.
Reflexões sobre o impacto da política pública do PNAIC na formação continuada das professoras alfabetizadoras de Lages-SC	Reflete sobre os resultados que o PNAIC trouxe em relação à formação continuada das professoras alfabetizadoras da rede municipal de Educação de Lages- SC.
A prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento	Retrata uma análise de atividades docentes que atuam em turmas de alfabetização a partir da pesquisa de uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Várzea-PB.
O ambiente alfabetizador no processo de alfabetização e letramento: o que as produções acadêmicas revelam	Aborda sobre como o ambiente alfabetizador está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
O trabalho docente com a Psicogênese da Língua Escrita no ciclo de alfabetização	Busca a compreensão de como as professoras do ciclo de alfabetização desenvolvem por meio da Psicogênese da Língua Escrita, a organização do seu trabalho pedagógico.
Práticas de alfabetização em contextos de 1º ano do ensino fundamental: retratos de um cenário escolar público estadual e um municipal	Disserta a respeito das práticas docentes que são vivenciadas e que são ditas como potencializadoras e/ou limitadoras em contextos de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas da Região Metropolitana de Porto Alegre.
Um olhar reflexivo sob a ação integrada dos professores alfabetizadores nos três anos do ciclo de alfabetização na perspectiva do Pacto Nacional Da Alfabetização Na Idade Certa (PNAIC)	Aponta uma análise a partir de práticas de alfabetização, letramento e planejamento em turmas que fazem parte do ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental.
Vivências e orientações institucionais: conflitos na formação do alfabetizado	Fala à respeito da formação docente, fazendo uma discussão sobre as práticas pedagógicas do alfabetizador e que conflitos são vivenciados.
Os saberes do professor alfabetizador: entre o real e o necessário	Aborda quais são os fatores que interferem no processo de escrita e leitura no Ciclo de Alfabetização.
Práticas literárias de professores alfabetizadores: alicerce para o compartilhamento formativo com base nos multiletramentos	Refere-se à identificação de práticas literárias de uma determinada equipe de professores alfabetizadores na rede municipal de Guarulhos. Também traz uma variedade de práticas docentes que podem ser realizadas em salas de aula.
O Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa - PNAIC e a formação de professores alfabetizadores	Versa a respeito do PNAIC, fazendo apontamentos no quanto à formação de professores alfabetizadores.

Trabalho docente no contexto da alfabetização: concepções e possibilidades	Disserta sobre o que está no nível de compreensão docente em meio ao contexto capitalista presente na sociedade.
Prática Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa (PNAIC): ressignificando a alfabetização?	Aponta quais são os efeitos que o PNAIC traz sobre o processo de alfabetização, enfatizando a importância da escrita alfabética e ortográfica em que apresenta um elo entre fonema e grafema.
Práticas para aquisição da proficiência na escrita em relatos de professores do ciclo de alfabetização	Apresenta quais são as lacunas em relação às atividades propostas e traz práticas pedagógicas que favorecem a aquisição da proficiência na escrita de alunos ciclo de alfabetização.
Saberes e práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores nos contextos escolares no Brasil e na França: gestão da avaliação através da mediação-planejada no ciclo de alfabetização	Descreve quais os saberes e práticas de docentes que tiveram a participação no PNAIC (Brasil) e PPC2 (França), fazendo uma comparação entre as realidades escolares entre Brasil e França.
Mudanças teórico-metodológicas no campo da alfabetização sob a perspectiva de professores alfabetizadores	Busca compreender quais as mudanças didáticas dos professores alfabetizadores na década de 1990, na cidade de Vitória (ES).
Ensino da língua escrita no 1º ano do ensino fundamental: orientações didáticas à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica	Propõe sugestões pedagógicas para o ensino da língua escrita dos alunos do 1º ano do ensino fundamental apoiando-se na psicologia histórico-cultural e na pedagogia histórico-crítica.
Trabalho docente, infância e políticas de alfabetização e de avaliação: um estudo sobre a identidade das professoras de 1º ciclo de Belo Horizonte	Expõe a discussão concernente às políticas educacionais de alfabetização e avaliação sobre o trabalho e a identidade profissional das professoras de 1º ciclo nas escolas municipais de Belo Horizonte.
Formações iniciais e continuadas e seus reflexos no discurso sobre a concepção de língua e sobre a prática de ensino de professores alfabetizadores participantes do PNAIC	Discorre quanto a formação continuada de professores alfabetizadores que tiveram a vivência no PNAIC.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao observarmos melhor os títulos e as sínteses, notamos que as referidas produções acadêmicas abordam bastante o/a professor/a alfabetizador/a no que se refere às formações continuadas a partir do Pacto Nacional pela Idade Certa (PNAIC). Constatamos ainda que, esse programa foi alvo de discussões sobre os seus efeitos positivos nas práticas pedagógicas. As metodologias e os desafios dos/das docentes foram pontos marcantes também. Ao seguir com as análises, de acordo com o quadro abaixo, observaremos quais os objetivos gerais utilizados nas produções acadêmicas selecionadas.

Quadro 3 – Objetivos gerais contidos nas publicações

ARTIGOS	
Publicação	Objetivo geral
A formação continuada para o professor alfabetizador no Município de Presidente Kennedy-ES: diagnóstico e realidade	Compreender quais são as contribuições que o curso de formação continuada fornece para os professores alfabetizadores de Presidente Kennedy.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de Corumbá-MS (2013 -2018): avanços e desafios	Verificar os avanços e desafios postos para a formação e atuação de professores dos três primeiros anos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e a responsabilização (accountability) do professor alfabetizador	Contribuir para a discussão de políticas e mecanismos institucionais de gestão da educação em redes e sistemas públicos de ensino, enquanto pauta candente na composição da atual agenda educacional.
Formação do professor alfabetizador	Reconhecer a história da tecnologia educativa, da interdisciplinaridade e da inclusão e sua trajetória de inovações, que geraram expectativas na mudança das políticas educacionais e na formação do professor alfabetizador para atender estas necessidades.
Desafios e dificuldades do professor alfabetizador	Analisar e discutir questões que permeiam o dia a dia escolar do professor alfabetizador, com ênfase nas dificuldades enfrentadas em sala de aula por esse profissional.
O que dizem as pesquisas que investigaram a temática “professor alfabetizador” no Brasil no período de 2010 a 2018?	Caracterizar pesquisas brasileiras que investigaram o “professor alfabetizador”, publicadas de 2010 a 2018 na CAPES e BDTD – IBICT.
A articulação teoria-prática na formação inicial do professor alfabetizador	Analisar a articulação teoria/prática na formação de professores alfabetizadores, por meio da pesquisa qualitativa de um estudo de caso realizado com alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Alfabetização, discurso e produção de sentidos sociais: dimensões e balizas para a pesquisa e para o ensino da escrita	Compreender como podem ser concebidas metodologias de alfabetização em que o trabalho com a vida das crianças na cultura escrita se sobreponha ao trabalho tradicionalmente realizado com foco no sistema de escrita.
Jogos como recursos didáticos na alfabetização: o que dizem e fazem as professoras	Investigar práticas alfabetizadoras que circulem em escolas da rede municipal de Salvador quanto ao uso de jogos voltados à apropriação da língua escrita.
Formação continuada para professores no Pacto Nacional pela Alfabetização: continuidades, rupturas e ressignificações	Analisar relatórios dos Orientadores de Estudo (OE)5 do PNAIC na intenção de verificar, a partir de uma amostragem, como se configurou a formação desse programa nas redes de ensino de Santa Catarina.
O livro alfabetização... Uma aventura para a criança e sua adoção pelas professoras catarinenses na década de 1980: um estudo sobre esse percurso	Apresentar o livro Alfabetização... Uma aventura para a criança, escrito em 1981, e analisar como o Estado o fez chegar às professoras alfabetizadoras das escolas públicas catarinenses naquele período.
Produção de texto no 3º ano do ensino fundamental: revisão e reescrita no desenvolvimento das funções psicológicas superiores	Compreender como a reescrita, a partir da revisão orientada pelo professor, contribui para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores em alunos no 3º ano do ensino fundamental.
Reflexões sobre o impacto da política pública do PNAIC na formação continuada das professoras alfabetizadoras de Lages-SC	Investigar o impacto do PNAIC na formação continuada das professoras alfabetizadoras da rede municipal de Educação de Lages, buscando evidências da contribuição efetiva do PNAIC na sua formação.
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC	

Publicação	Objetivo geral
A prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento	Analisar a prática docente no processo de alfabetização e letramento, utilizando como campo de pesquisa uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Várzea – PB.
O ambiente alfabetizador no processo de alfabetização e letramento: o que as produções acadêmicas revelam	Analisar de que maneira a temática do ambiente alfabetizador está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
O trabalho docente com a Psicogênese da Língua Escrita no ciclo de alfabetização	Compreender como as professoras do ciclo de alfabetização desenvolvem por meio da Psicogênese da Língua Escrita, a organização do seu trabalho pedagógico.
DISSERTAÇÃO	
Publicação	Objetivo geral
Práticas de alfabetização em contextos de 1º ano do ensino fundamental: retratos de um cenário escolar público estadual e um municipal	Investigar quais são as práticas pedagógicas utilizadas e consideradas como potencializadoras e/ou limitadoras em contextos de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas da Região Metropolitana de Porto Alegre.
Um olhar reflexivo sob a ação integrada dos professores alfabetizadores nos três anos do ciclo de alfabetização na perspectiva do Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)	Analisar as práticas de alfabetização/letramento e planejamento no ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental.
Vivências e orientações institucionais: conflitos na formação do alfabetizado	Perceber como a dimensão formativa consuetudinária se manifesta tanto nas concepções de alfabetização como nas práticas pedagógicas do alfabetizador e que conflitos ela traz à sua prática.
Os saberes do professor alfabetizador: entre o real e o necessário	Identificar e compreender os fatores da disparidade de desempenho em leitura e escrita de alunos no Ciclo de Alfabetização, buscando estabelecer possíveis relações entre desempenhos e saberes docentes manifestos no contexto escolar.
Práticas literárias de professores alfabetizadores: alicerce para o compartilhamento formativo com base nos multiletramentos	Identificar as práticas literárias de um grupo de professores alfabetizadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de Guarulhos para, a partir desse diagnóstico, propor sugestões de práticas formativas com intenção crítica colaborativa a partir dos multiletramentos.
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC e a formação de professores alfabetizadores	Analisar o programa intitulado Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, como processo direcionado à formação de professores alfabetizadores.
Trabalho docente no contexto da alfabetização: concepções e possibilidades	Analisar as concepções do professor alfabetizador tendo em vista as demandas impostas pelo capitalismo, provocando o seguinte questionamento: como o professor alfabetizador de crianças compreende seu trabalho no contexto da sociedade capitalista?
Prática Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): ressignificando a alfabetização?	Identificar a contribuição do PNAIC no resgate da especificidade da alfabetização como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, no qual o sistema grafofônico (as relações entre fonema e grafema) constitui objeto de ensino direto e explícito.
Práticas para aquisição da proeficiência na escrita em relatos de professores do ciclo de alfabetização	Investigar a desarticulação entre os objetivos e os procedimentos e estratégias de atividades para a aquisição da proficiência na escrita de alunos ciclo

	de alfabetização, visando à identificação de elementos que possam contribuir para o aprimoramento da prática educativa de alfabetizadores.
TESE	
Produção	Objetivo geral
Saberes e práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores nos contextos escolares no Brasil e na França: gestão da avaliação através da intermediação-planejada no ciclo de alfabetização	Investigar os saberes e as práticas pedagógicas dos docentes participantes de formações como Pacto Nacional Pela Formação na Idade Certa (doravante PNAIC - Brasil) e como Éduscol/Ifé – Programme Pour Les Cycle 2 (doravante PPC2 - França1) relacionados ao trato com a Gestão do Ensino da Leitura e da Escrita e a Gestão da Avaliação através da Intermediação-Planejada nas aprendizagens das crianças nas turmas do Ciclo de Alfabetização /Cycle 2.
Mudanças teórico-metodológicas no campo da alfabetização sob a perspectiva de professores alfabetizadores	Compreender sentidos elaborados pelos professores alfabetizadores para as mudanças teórico-metodológicas ocorridas no campo da alfabetização, na década de 1990, no município de Vitória (ES).
Ensino da língua escrita no 1º ano do ensino fundamental: orientações didáticas à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica	Formular orientações de encaminhamentos didáticos para o ensino da língua escrita no 1º ano do ensino fundamental tendo como base a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica.
Trabalho docente, infância e políticas de alfabetização e de avaliação: um estudo sobre a identidade das professoras de 1º ciclo de Belo Horizonte	Analisar as repercussões das políticas educacionais de alfabetização e avaliação sobre o trabalho e a identidade profissional das professoras de 1º ciclo nas escolas municipais de Belo Horizonte.
Formações iniciais e continuadas e seus reflexos no discurso sobre a concepção de língua e sobre a prática de ensino de professores alfabetizadores participantes do PNAIC	Compreender em quais concepções de linguagem e em quais possíveis práticas de ensino professores do Ciclo de Alfabetização, participantes da formação do PNAIC, fundamentam-se para dar aula, buscando compreender como professores que são pedagogos e não têm formação específica em língua, mas que passam por formações continuadas, trabalham a formação linguística do aluno.

Fonte: Dados da pesquisa

Por meio da observação do quadro anterior, constatamos o quantitativo de 13 artigos acadêmicos (o que corresponde a 43,3%), 3 trabalhos de conclusão de curso (equivalendo a 10%), 9 dissertações de mestrado (igual a 30%) e 5 teses de doutorado (proporcional a 16,7%). Notamos que dentre os trabalhos analisados, obtivemos maior produção de artigos e um menor quantitativo de TCC's.

Ao analisar os verbos dos objetivos gerais, vemos que houve uma grande variedade, havendo a prevalência nos verbos “compreender” (6 publicações) e “analisar” (9 publicações). Além disso, identificamos que o foco das produções acadêmicas foi sobre o/a professor/a alfabetizador/a de modo a relacionar e investigar sobre a formação continuada, práticas

metodológicas, ciclo de alfabetização, políticas educacionais e sobre o Pacto Nacional pela Idade Certa, bem como os desafios e as dificuldades vivenciadas no fazer docente. Dentre essas abordagens, o PNAIC, a formação e as práticas metodológicas estavam mais presentes nas problemáticas das referidas produções.

Em consonância com os estudos de Soares (2016, 2020), Assis (2013), Flores (2013), Leite (2013) e Grossi (2010), a atuação do/a professor/a alfabetizador/a implica em também debater sobre a formação, ambiente alfabetizador, ciclo de alfabetização, para a partir disso desenvolver práticas de alfabetização e letramento em sala de aula. A seguir teremos um quadro com o delineamento metodológico que foi adotado nas produções selecionadas.

Quadro 4 – Delineamento metodológico

Abordagem	Nº de publicações
Qualitativa	25
Quantitativa	00
Qualitativa-quantitativa	05
Total	30

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme o quadro anterior, constatamos que o delineamento da pesquisa se pautou em sua maior parte (25 publicações) na abordagem qualitativa. É importante frisar que, deste total de 25 publicações, 5 delas não deixaram explicitamente a abordagem utilizada, então foi necessário ler com maior cautela e de acordo com as perspectivas adotadas, constatou-se que estas se tratavam da abordagem qualitativa. Teve também 05 pesquisas de caráter qualitativo-quantitativo. Não houve nenhuma pesquisa de cunho quantitativo.

Como o foco da pesquisa foi analisar de que maneira a temática sobre professores/as alfabetizadores/as está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, achou-se necessário delimitar a busca pelas produções entre os anos de 2016 e 2021. Com isso, conseguiremos acompanhar melhor o quadro a seguir.

Quadro 5 – Anos de publicação de cada obra acadêmica

Título	Ano de publicação
A formação continuada para o professor alfabetizador no Município de Presidente Kennedy-ES: diagnóstico e realidade	2021
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa desenvolvido na rede municipal de ensino de Corumbá-MS (2013 -2018): avanços e desafios	2021

O que dizem as pesquisas que investigaram a temática “professor alfabetizador” no Brasil no período de 2010 a 2018?	2021
Produção de texto no 3º ano do ensino fundamental: revisão e reescrita no desenvolvimento das funções psicológicas superiores	2021
Alfabetização, discurso e produção de sentidos sociais: dimensões e balizas para a pesquisa e para o ensino da escrita.	2020
Formações iniciais e continuadas e seus reflexos no discurso sobre a concepção de língua e sobre a prática de ensino de professores alfabetizadores participantes do PNAIC	2020
Jogos como recursos didáticos na alfabetização: o que dizem e fazem as professoras	2020
O ambiente alfabetizador no processo de alfabetização e letramento: o que as produções acadêmicas revelam	2020
O livro alfabetização... Uma aventura para a criança e sua adoção pelas professoras catarinenses na década de 1980: um estudo sobre esse percurso	2020
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC e a formação de professores alfabetizadores	2020
Práticas literárias de professores alfabetizadores: alicerce para o compartilhamento formativo com base nos multiletramentos	2020
Reflexões sobre o impacto da política pública do PNAIC na formação continuada das professoras alfabetizadoras de Lages-SC	2020
Ensino da língua escrita no 1º ano do ensino fundamental: orientações didáticas à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica	2019
Formação do professor alfabetizador	2019
Práticas de alfabetização em contextos de 1º ano do ensino fundamental: retratos de um cenário escolar público estadual e um municipal	2019
Saberes e práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores nos contextos escolares no Brasil e na França: gestão da avaliação através da intermediação-planejada no ciclo de alfabetização	2019
Trabalho docente no contexto da alfabetização: concepções e possibilidades	2019
Trabalho docente, infância e políticas de alfabetização e de avaliação: um estudo sobre a identidade das professoras de 1º ciclo de Belo Horizonte	2019
A articulação teoria-prática na formação inicial do professor alfabetizador	2018
A prática docente e sua contribuição no processo de alfabetização e letramento	2018
Formação continuada para professores no Pacto Nacional pela Alfabetização: continuidades, rupturas e ressignificações	2017
O trabalho docente com a Psicogênese da Língua Escrita no ciclo de alfabetização	2017
Os saberes do professor alfabetizador: entre o real e o necessário	2017
Práticas para aquisição da proeficiência na escrita em relatos de professores do ciclo de alfabetização	2017
Um olhar reflexivo sob a ação integrada dos professores alfabetizadores nos três anos do ciclo de alfabetização na perspectiva do pacto nacional da alfabetização na idade certa (PNAIC)	2017
Desafios e dificuldades do professor alfabetizador	2016
Mudanças teórico-metodológicas no campo da alfabetização sob a perspectiva de professores alfabetizadores	2016
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e a responsabilização (accountability) do professor alfabetizador	2016
Prática Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa (PNAIC): ressignificando a alfabetização?	2016
Vivências e orientações institucionais: conflitos na formação do alfabetizado	2016

Fonte: Dados da pesquisa

Quando vemos o quadro anterior pode surgir a seguinte pergunta: Por que colocar o título da obra e o ano da publicação? Para ajudar a pensar um pouco mais sobre esse possível questionamento, sintam-se convidados para a seguinte reflexão: No espaço de discussão acadêmica na área educacional, podemos perceber que as produções e estudos científicos vão sendo publicados todos os anos. Desta forma, qual a quantidade de publicações que são realizadas em determinado período? Em qual ano houve mais ou menos debate sobre algum temática específica? O que isso reflete na prática pedagógica dentro do âmbito superior e também na prática pedagógica de professores/as na educação básica?

Por meio dessas reflexões, tivemos a necessidade de organizar e sistematizar o quadro acima. Como resultados a partir das publicações selecionadas, conseguimos: 5 publicações no ano de 2016, 5 publicações no ano de 2017, 2 publicações no ano de 2018, 6 publicações no ano de 2019, 8 publicações no ano de 2020 e 4 publicações no ano de 2021. Ou seja, em 2020 houve muitas publicações (8) e em 2018 houve um menor quantitativo (2).

Nesse sentido, no ano de 2018 aconteceu alguns marcos educacionais como: a implementação da BNCC e a extinção do PNAIC. Será que esses fatos acabaram surtindo efeitos sobre outras temáticas que não estavam voltadas especificamente para o tema alfabetização e letramento? Já em 2020, houve o aumento de publicações sobre a temática. Isso pode ter ocorrido por conta da nova configuração educacional, em que começou a fazer parte de todo o país: a pandemia. No próximo quadro teremos a apresentação dos periódicos e/ou eventos em que cada pesquisa está inserida.

Quadro 6 – Periódicos e/ou eventos nos quais as publicações estão inseridas

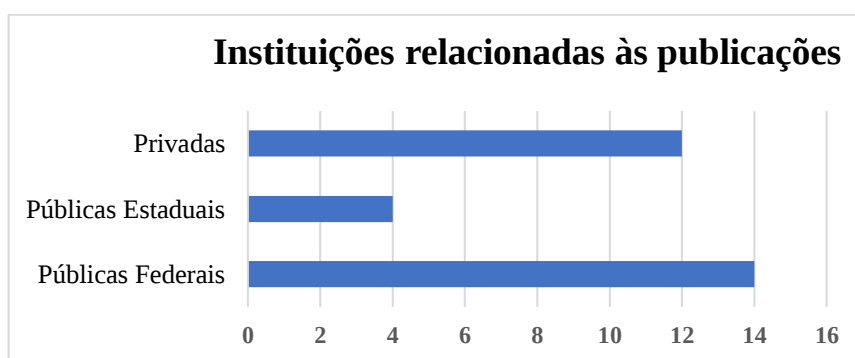
Periódicos e/ou eventos
Cadernos CEDES
Educação em Foco
Educação em Revista
Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação
Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
Revista Brasileira de História da Educação
Revista Científica Educação
Revista Contemporânea em Educação
Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso
Revista Educação Popular
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação

Fonte: Dados da pesquisa

Mediante o quadro acima, notamos que houve uma grande variedade de periódicos em que foram publicadas cada produção. Isso reflete que as publicações no meio acadêmico têm uma gama de possibilidades de periódicos, o que gera nos pesquisadores a responsabilidade de verificar qual o tipo de trabalho que poderá ser publicado em cada periódico. Vale ainda mencionar que destes periódicos, uma boa parte são oriundos e organizados a partir de instituições públicas e federais de ensino.

Ao analisar os periódicos do quadro anterior, temos a compreensão de que se trata de organizações comprometidas com a pesquisa científica. Isso é primordial para que o/a docente compreenda o seu contexto a partir da pesquisa científica, no Curso de Pedagogia, da UFPB, não são tão divulgados esses para a população acadêmica. A próxima figura de análise compõe um gráfico a respeito das o percentual de instituições que estavam presentes nas produções.

Figura 10 – Gráfico sobre o percentual de instituições que estavam presentes nas produções



Fonte: Dados da pesquisa

Concernente às instituições relacionadas às publicações, constatamos que houve: 12 instituições de caráter privado, 4 de caráter público estadual e 14 de caráter público federal. O que isso significa? Exprime que as instituições de cunho público totalizaram 18 produções, ou seja, mais da metade se comparada com as 12 de origem privada. Vemos o comprometimento das instituições de cunho superior, pois está sempre investigando, produzindo e pesquisando mais ainda o contexto escolar. Isso está em conformidade ao que Durham (1998) discute, pois:

As universidades públicas são portanto indispensáveis ao país porque pessoal altamente qualificado, pesquisa, qualidade do ensino custam efetivamente caro e universidades privadas, como vimos, freqüentemente [sic] preocupadas com o lucro, dependentes das mensalidades dos alunos, organizadas de forma a cercear a autonomia da comunidade acadêmica, dificilmente preencherão sem um pesado apoio estatal (inclusive passa custear a infra-estrutura que já está presente nas instituições públicas) e uma interferência do poder público na sua gestão interna, as funções hoje cumpridas pela universidade pública. (DURHAM, 1998, p. 6)

Com isso, passamos a entender o espaço acadêmico público com boa qualidade, voltadas às pesquisas e com um ensino bem mais vantajoso se comparado com as instituições de caráter privada. Além disso, podemos afirmar que, dentre as produções analisadas, há mais publicações sobre a temática “professor/a alfabetizador/a” de oriundas do ensino superior público. As universidades estão com um olhar mais aguçado para questões didáticas e que envolvem o papel docente em turmas de alfabetização. Abaixo temos um levantamento em relação aos documentos que aparecem nas publicações.

Quadro 7 – Documentos acerca da alfabetização mencionados nas produções

Documentos
Avaliação Nacional de Alfabetização – ANA
Base Nacional Comum Curricular – BNCC
Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN’s
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN
Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC
Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s

Fonte: Dados da pesquisa

Esse quadro reflete que esses 6 documentos se apresentaram com uma maior constância nas 30 produções analisadas. Desse modo, temos: Avaliação Nacional de Alfabetização, Base Nacional Comum Curricular e Parâmetros Curriculares Nacionais tiveram 6 menções cada uma; A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e as Diretrizes Curriculares Nacionais foram citadas 9 vezes cada uma; O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa teve 18 citações. Mais uma vez vale mencionar que, embora este programa não esteja mais sendo executado desde 2018, ele ainda é alvo das produções acadêmicas quando o assunto é alfabetização. Não consta nesse quadro, mas vale apenas ressaltar que a Constituição Federal – principalmente no que se diz respeito ao direito à educação – foi um documento muito presente nas produções selecionadas.

Ainda sobre as legislações presentes nos trabalhos acadêmicos, vemos que elas são importantes e o professor precisa estar a par de cada uma delas. Esses documentos dizem respeito ao fazer pedagógico dos/das professores/as. Vejamos o que cada uma aborda:

Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA): é um dos mecanismos do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Com esse instrumento é possível avaliar como está a situação de alfabetização e letramento dos estudantes do 3º ano das escolas públicas de todo o país.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC): é um orientador nacional curricular que teve a sua última versão em 2018. Essa normativa estabeleceu que, até o início do ano de 2020, todas os sistemas e redes de ensino já deveriam ter implementando-a em seu currículo ao fazer o uso das habilidades e competências dispostas em seus escritos.

Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's): são normativas de cunho obrigatório para toda a Educação Básica do Brasil. Oriunda da LDBEN, este documento aborda os princípios, fundamentos e procedimentos que são responsáveis por nortear as escolas de todo país.

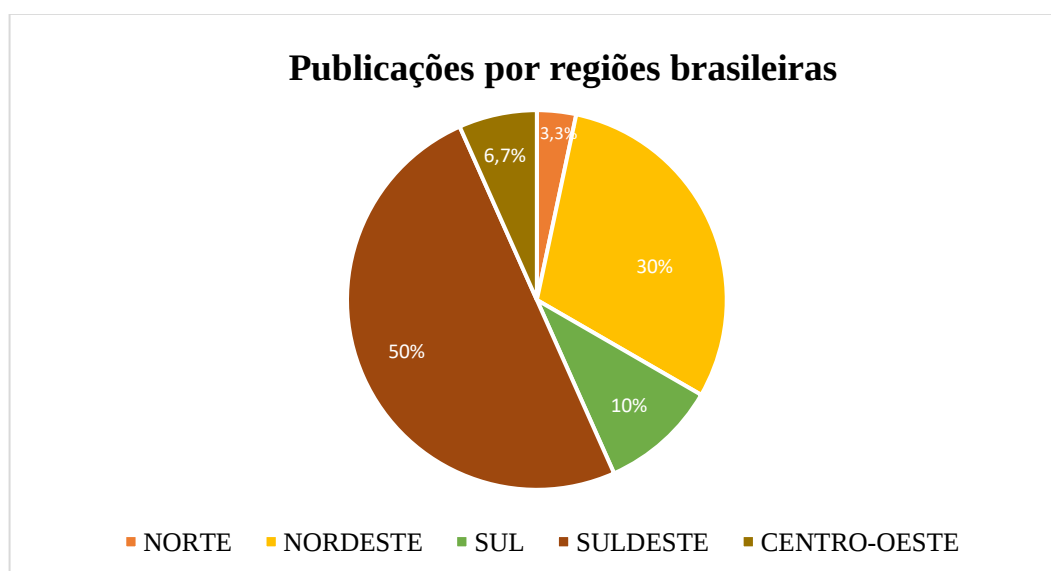
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN): é a legislação que rege todo o sistema de ensino do Brasil sendo respaldada nos princípios que estão contidos na Constituição Federal de 1998.

Pacto Nacional pela Alfabetização Nacional na Idade Certa (PNAIC): foi um programa que atuou nas Redes Municipais de Ensino a partir do ano de 2012 e vigorou até 2017. Esse programa visava a formação continuada para professores/as alfabetizadores/as, para que os/as docentes pudessem estar mais preparados para atuar no ciclo de alfabetização ao fazer o uso de metodologias e práticas pedagógicas que eram ensinadas pelos formadores

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's): foram diretrizes formuladas para nortear os/as professores/as quanto à sua prática pedagógica. Nesse documento havia discussões teóricas sobre as áreas de conhecimentos e também sugestões pedagógicas que poderiam ser adotadas pelos/as professores/as.

A próxima figura destaca percentual de publicações por cada região brasileira.

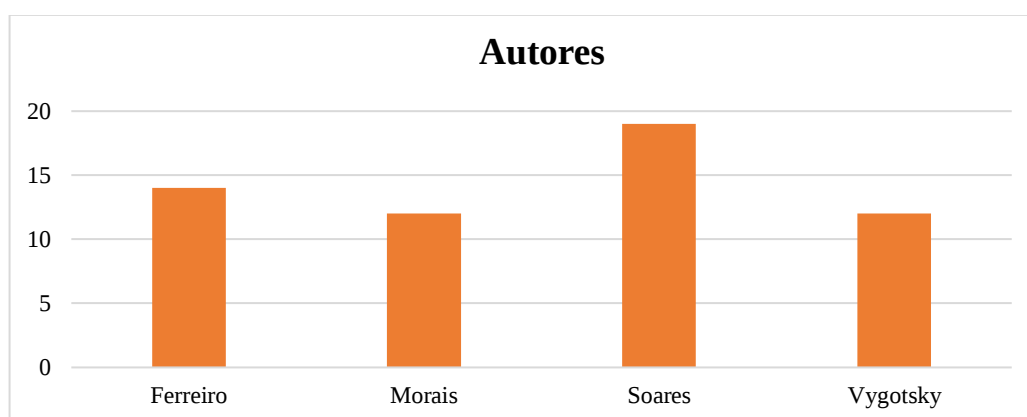
Figura 11 – Gráfico do Percentual de publicações por cada região brasileira



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico acima demonstra que a Região Sudeste foi a que mais apresentou produções acadêmicas, sendo 15 oriundas dela, e em seguida temos Região Nordeste que teve 9 publicações. A região Sul obteve o total de 3 publicações e a Região Centro-Oeste teve 2. A região com menos publicações foi a Região Norte, pois foi constou-se apenas um trabalho. Em linhas gerais, é considerável que todas as regiões brasileiras tenham mais trabalhos publicados em relação à temática “professor/a alfabetizador/a”, uma vez que estudar sobre a temática é promover meios de avanços dos números de estudante no que se refere à aquisição da linguagem escrita. A figura a seguir traz a sistematização relativos aos autores mais citados nas publicações.

Figura 12 – Gráfico referente aos autores presentes nas publicações



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico anterior foi construído a partir do número autores que foram citados nos trabalhos acadêmicos. Dentre os autores acima, é notável que a Magda Soares foi a que mais teve 19 aparições nos trabalhos, e em seguida temos a Emília Ferreira com 14 citações. O estudioso Artur Moraes e o teórico Lev Vygotsky estavam, cada um, presentes em 12 publicações. A seguir, há um quadro que sistematiza quais as obras dos autores que foram recorrentes nas publicações.

Quadro 8 – Presença de autores nas publicações selecionadas e obras recorrentes

Autores	Obras recorrentes nas publicações
Artur Moraes	Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas (2013) Consciência fonológica na educação infantil e no clico de alfabetização (2019) O aprendizado da ortografia (1989) Sistema de escrita alfabética (2012)

Emília Ferreira	A Psicogênese da Língua Escrita (1985,1991, 1999) Alfabetização em processo (1996) Com todas as letras (1991) Reflexões sobre alfabetização (2001)
Lev Vygotsky	A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (1998) <i>Obras escogidas: fundamentos da defectologia (2012)</i> <i>Obras escogidas: paidología del adolescente, problemas de la psicologia infantil (2012)</i> <i>Obras escogidas: pensamiento y lenguaje – conferencias sobre psicologia.(2014)</i> <i>Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique (2012)</i> Pensamento e linguagem (1934) <i>El desarrollo de los procesos psicológicos superiores (1979).</i>
Magda Soares	Alfabetização e letramento (2004, 2013) Alfabetização: a questão dos métodos (2016, 2017) As muitas facetas da alfabetização (1985, 2003, 2007, 2012) Letramento: um tema em três gêneros (1986, 1998, 2001, 2002, 2009, 2012) Linguagem e escola: uma perspectiva social (1998) Português: uma proposta para o letramento (1999).

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre as obras destacadas, notamos que o autor Moraes, teve suas quatro obras “Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas (2013)”, “Consciência fonológica na educação infantil e no clico de alfabetização (2019)”, “O aprendizado da ortografia (1989)” e “Sistema de escrita alfabética (2012)”, que estava entre as mais estudadas em grande parte dos 12 trabalhos. Ferreira, teve quatro obras “Alfabetização em processo (1996)”, “Com todas as letras (1991)”, “Reflexões sobre alfabetização (2001)” e por fim, a mais citada: “A psicogênese da Língua Escrita (1985, 1991, 1999)”.

O teórico Vygotsky teve suas menções com as obras “A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (1998)”, “*Obras escogidas: fundamentos da defectologia (2012)*”, “*Obras escogidas: paidología del adolescente, problemas de la psicologia infantil (2012)*”, “*Obras escogidas: pensamiento y lenguaje – conferencias sobre psicologia.(2014)*”, “*Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique (2012)*”, “Pensamento e linguagem (1934)”, “*El desarrollo de los procesos psicológicos superiores (1979)*”. Entre esses livros, “A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores” e “Pensamento e linguagem” foram os mais usados entre os autores das pesquisas.

Soares foi a que estava com o maior número de aparições com os seus trabalhos. As suas 6 obras sendo usadas como aporte teórico em 18 produções, que foram: “Alfabetização e

letramento (2004, 2013)”, “Alfabetização: a questão dos métodos (2016, 2017)”, “As muitas facetas da alfabetização (1985, 2003, 2007, 2012)”, “Letramento: um tema em três gêneros (1986, 1998, 2001, 2002, 2009, 2012)”, “Linguagem e escola: uma perspectiva social (1998)”, “Português: uma proposta para o letramento (1999)”. Destas, as que receberam maior destaque foram “Letramento: um tema em três gêneros”, “Alfabetização e letramento” e “As muitas facetas da educação”.

Todas as referidas obras dos estudiosos e teóricos que apareceram listadas no quadro anterior, são essenciais para que os pedagogos possam ler e ter um maior entendimento sobre o processo de ensino. A última figura consta uma nuvem de palavras a partir das palavras-chave presentes nos resumos das produções.

Figura 13 – Nuvem de palavras a partir das palavras-chave contidas nas publicações



Fonte: Dados da pesquisa

Esta nuvem de palavras foi gerada a partir das palavras que mais apareceram nas palavras-chave dos resumos das produções analisadas. Ao analisar, a figura anterior é possível notar a palavras “alfabetização” estão ocupando destaque na imagem. Isso ocorreu porque a palavra-chave “alfabetização” estava presente em 13 produções acadêmicas. A palavra “PNAIC”, apareceu 8 vezes. Em seguida, temos 5 pesquisas com “ciclo de alfabetização”, “Professor alfabetizador”, com 4. A palavra “formação” constava em 12 produções acadêmicas distribuídas entre os termos “formação consuetudinária (1)”, “formação continuada (3)”, “formação de professores (2)”, “formação de professores alfabetizadores (2)”, “formação docente (3)” e “formação docente continuada (1)”. Com isso, podemos ressaltar que os escritos

analisados configuraram discussões acerca da alfabetização, PNAIC e formação de professores/as que atuam nas salas de alfabetização.

Em virtude das análises que foram tecidas, as pesquisas revelam que os professores/as alfabetizadores/as para os anos iniciais aparecem nas produções acadêmicas com os termos “professor alfabetizador”, “professora alfabetizadora”, “professor do ciclo de alfabetização” ou apenas “professor”. Percebemos que houve um conjunto de discussões sobre a atuação deste profissional, sobretudo, acerca da formação docente. Boa parte das obras fazem a ressalva de que o PNAIC trouxe contribuições para a atividade pedagógica, fazendo com que os educandos conseguissem ter um melhor desenvolvimento no processo de aquisição da língua escrita em diferentes práticas linguagens. Além disso, 25 pesquisas eram de cunho qualitativo, sendo 18 produções oriundas de instituições públicas. 15 pesquisas estavam concentradas na Região Sudeste. Os autores mais citados foram Soares (1985, 1986, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007, 2009, 2012, 2013, 2016 e 2017), Ferreira (1985, 1991, 1996, 1999, 2001), Moraes (1989, 2012, 2013 e 2019) e Vygotsky (1934, 1979, 1998, 2012, 2014). Diante desses resultados, poderemos acompanhar na próxima seção várias sugestões pedagógicas.

4.1 Sugestões de práticas pedagógicas para professores/as alfabetizadores/as

A partir das análises desenvolvidas nessa pesquisa, propomos sugestões pedagógicas para os/as professores/as alfabetizadores/as. Então, logo após à realização da avaliação da Psicogênese da Língua Escrita, é interessante que seja traçado um planejamento com atividades que visem a alfabetização e letramento dos alunos, obedecendo o nível de escrita no qual o aluno se encontra. Nesse sentido, Grossi (2010) nos ajuda a pensar o papel do/a professor/a frente a cada etapa da escrita, dando sugestões de atividades que podem ser trabalhadas. Para conseguir entender com uma maior clareza, a seguir foram organizados quatro quadros e figuras que ajudam a sintetizar melhor as informações que a autora traz em seus estudos acerca da alfabetização e letramento.

Figura 14 – Escrita no nível pré-silábico I

Fonte: <https://inovareducacaodeexcelencia.com/blog/niveis-no-processo-de-alfabetizacao>

A figura anterior exemplifica a escrita de uma criança que está no nível pré-silábico I. De acordo com essa escrita, notamos que a escrita se encontra em uma fase inicial, em que não apresenta as letras para representar sons da fala, mas apenas riscos contínuos. Abaixo teremos um quadro que contém características e sugestões pedagógicas indicadas para este nível de escrita.

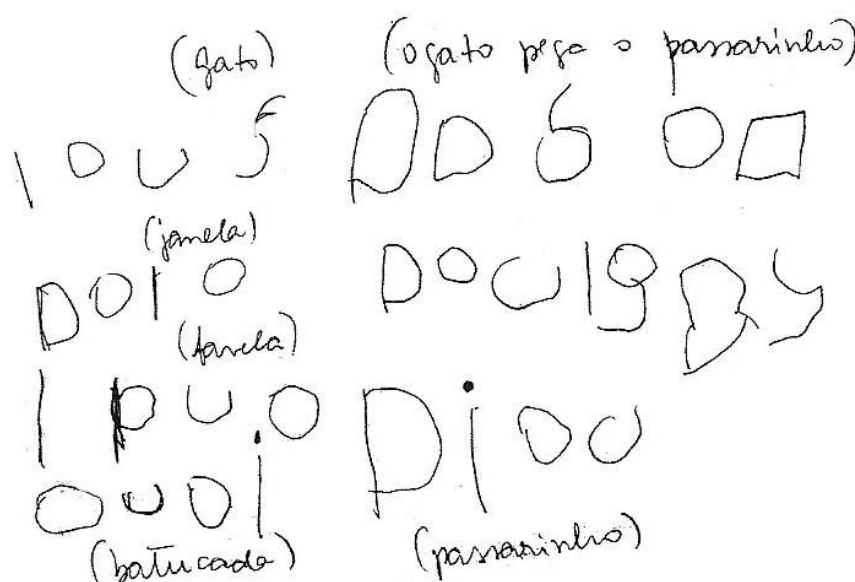
Quadro 9 – Nível pré-silábico I

<u>Características da escrita dos/as estudantes</u>	<u>Papel do/a professor/a nessa etapa</u>
• Não conseguem compreender que a escrita é uma das representações da fala; • Não conseguem distinguir sons de letras; • Fazem garatujas e símbolos para representar letras; • Não conseguem realizar a diferenciação entre letras e números; • Pensam que o tamanho dos objetos tem a ver com a quantidade de letras da palavra; • Entendem que o desenho é uma escrita.	• Trabalhar com textos significativos; • Dar direcionamentos de modo atencioso durante o processo de escrita; • Ter o hábito de ler em sala de aula diferentes gêneros textuais; • Desenvolver circuitos psicomotores; • Fazer o elo entre o abstrato e concreto; • Oportunizar momentos de atividades que possam ser realizadas em grupos pequenos de estudantes. • Observar os nomes dos alunos e a partir disso planejar atividades; • Valorizar a escrita da criança; • Agir na perspectiva de mediação durante todo o processo de escrita. • Proporcionar uma reflexão da escrita dos estudantes;

Fonte: Sistematização a partir das contribuições de Grossi (2010).

O quadro anterior apresenta características acerca dos estudantes que estão no nível pré-silábico I e as possibilidades metodológicas que o/a docente pode seguir para desenvolver uma prática mais concisa e eficaz. Então, para os alunos nesse nível, é interessante que o professor trabalhe com: crachás com o próprio nome; bingo de letras; bingo de palavras; produção oral de histórias; baralhos de letras; caixa com nomes significativos; dominós associando nomes e iniciais; quebra-cabeças diversos (gravuras, nomes, letras); pescaria de letras; separar e agrupar letras iguais.

Figura 15 – Escrita no nível pré-silábico II



Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/niveis-da-escrita/>

A figura anterior demonstra a escrita de um estudante que está no nível pré-silábico II. Em consonância com esse registro de escrita, observamos que a escrita se encontra ainda em uma fase inicial, mas já começa a fazer traçados que se associam com letras. A seguir veremos um quadro que contém características e sugestões pedagógicas de acordo com este nível de escrita.

Quadro 10 – Nível-pré-silábico II

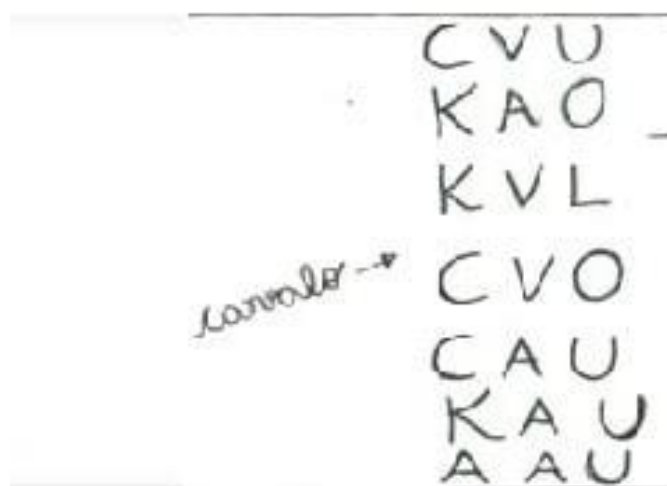
<u>Características da escrita dos/as estudantes</u>	<u>Papel do/a professor/a nessa etapa</u>
• Começam a perceber que os desenhos não são a de fato a escrita; • Não estão habilitados para fazer correlação entre letras e sons; • Fazem diferenciação entre imagem e texto escrito; • Fazem o uso de rabiscos que remetem às letras;	• Despertar o gosto pela leitura com base nos contos e diversos gêneros; • Criar situações didáticas e atividades que estejam conforme o progresso individual de cada estudante.

• Pensam que a quantidade de letras em uma palavra está relacionada à proporção do objeto real; • Não conseguem associar os sons da fala à escrita; • Apresentam dificuldades em diferenciar letras, sílabas, palavras e frases.	• Fazer o uso de uma variedade de materiais didáticos que tenham o objetivo de promover a aquisição da escrita; • Trabalhar com músicas para estimular a criatividade; • Ter a prática de utilizar metodologias mais inovadoras, ativas; • Pensar em atividades diversas com o alfabeto móvel; • Produzir cartazes/murais coletivos com a turma; • Expor os vários tipos de letras; • Estimular a oralidades dos alunos; • Proporcionar atividades práticas em que haja jogos de cunho linguísticos que sejam capazes de desenvolver a escrita de maneira crítica.
--	---

Fonte: Sistematização a partir das contribuições de Grossi (2010).

O quadro anterior traz informações quanto a escrita dos estudantes, sendo que este se refere aos alunos que apresentam características na sua escrita que se encaixam no nível pré-silábico II, bem como o papel do professor nessa etapa. Com isso, o/a educador/a pode recorrer às seguintes atividades: jogos da memória com as letras do alfabeto; bingo de letras isoladas; alfabeto móvel; memorização de palavras; caça-palavras; cruzadinhas; contar a quantidade de letras numa palavra; completar palavras usando a letra inicial ou final das palavras; produção de textos coletivos; identificar e ler o nome em chamadinhas e jogos. A figura seguinte ilustra um exemplo de escrita no nível silábico.

Figura 16 – Escrita no nível silábico



Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/niveis-da-escrita/>

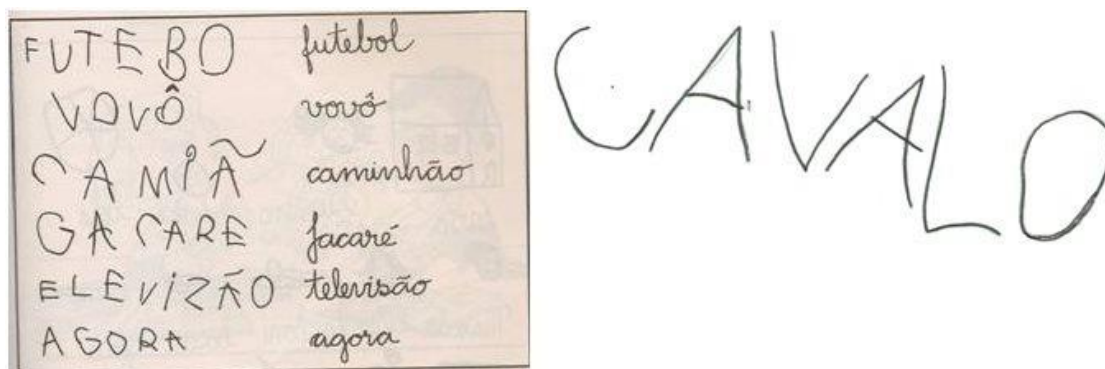
Por meio da observação da figura anterior, conseguimos ilustrar a escrita de um aluno que está no nível silábico I. Relativamente a essa figura, destacamos que há uma fase mais avançada do que nos níveis anteriores, pois a criança apresenta noção de que a escrita tem relação com os sons da fala e já não faz mais desenhos, mas utiliza letras de acordo com as sílabas. Adiante estaremos vendo um quadro que sistematiza características e sugestões pedagógicas de acordo com este nível de escrita.

Quadro 11 – Nível silábico

<u>Características da escrita dos/as estudantes</u>	<u>Papel do/a professor/a nessa etapa</u>
• Entendem que as letras são as representações de sons da fala; • Não fazem a escrita de qualquer modo, pois articula de acordo com a pronúncia das palavras; • Percebem que as letras de forma aleatória não podem representar sílabas; • Conseguem localizar o modo e a posição das letras; • Acabam fazendo a cópia de palavras de maneira impensada e/ou lida; • Introduzem a necessidade de pôr estruturação das letras nas palavras; • Depreendem que há sons parecidos com grafias diferenciadas.	• Fazer leitura deleite todos os dias; • Trazer atividades diferenciadas para atender às necessidades dos alunos; • Instigar o aluno a refletir sobre a sua própria escrita; • Oportunizar momentos lúdicos; • Acompanhar individualmente; • Utilizar diversos caminhos metodológicos; • Enfatizar que as palavras são compostas por sílabas; • Ter o hábito de atividades articuladas aos projetos didáticos; • Reavaliar as suas práticas; • Desenvolver situações que mobilizem os alunos.

Fonte: Sistematização a partir das contribuições de Grossi (2010).

O quadro anterior sistematiza as características das escritas dos estudantes e as sugestões de práticas docentes para o nível de escrita. Por se tratar de crianças com o nível silábico de escrita, é preferível que o/a educador/a trabalhe com: completar palavras quando lhes falta a primeira letra; escrever palavras, dadas as primeiras letras; escrever palavras no conjunto de suas primeiras letras; ligar cada desenhos à primeira letra do seu nome; análise do número de letras em palavras; atividades com alfabeto escrito; ficha para completar os alfabetos correlacionando os dois tipos de letras; soletrando; bingo de iniciais de palavras.

Figura 17 – Escrita no nível alfabético

Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/niveis-da-escrita/>

Com base na figura anterior, é possível exemplificar a escrita de uma criança que está no nível alfabético. A respeito dessa figura, pontuamos que há uma fase mais avançada do que nos três níveis anteriores, uma vez que a criança apresenta o entendimento de que letras formam sílabas para representar palavras, embora tenha alguns desvios gramaticais. À frente conseguiremos acompanhar um quadro que condensa características e sugestões pedagógicas em conformidade com este nível de escrita.

Quadro 12 – Nível alfabético

<u>Características da escrita dos/as estudantes</u>	<u>Papel do/a professor/a nessa etapa</u>
• Entendem que a junção de letras resulta em sílabas; • Carecem de um pouco de atenção para com os erros referentes à grafia; • Conseguem ler; • Podem apresentar dificuldades em pôr espaçamentos de uma palavra para outro numa frase e/ou texto; • Comumente acabam escrevendo do mesmo modo que fala/escuta.	• Trabalhar a leitura de diversos gêneros textuais; • Ter em sala de aula um ambiente alfabetizador; • Ser atento na hora da correção das atividades; • Ser cauteloso e cuidadoso ao selecionar palavras dos ditados e bingos; • Desenvolver projetos de empréstimos de livros; • Ter o hábito de fazer a fluência de leitura; • Proporcionar situações problematizadoras para a produção textual; • Desenvolver atividades que estejam de acordo com a turma; • Avaliar constantemente; • Ter uma visão construtiva do erro.

Fonte: Sistematização a partir das contribuições de Grossi (2010).

Por fim, o quadro anterior destaca como e quais são as peculiaridades atribuídas para a escrita e o conjunto de hábitos que seja preferível que o professor desempenhe. Esse quadro está caracterizando a escrita referente ao nível alfabético, e é recomendável que o professor desenvolva atividades diversas como: produção de textos; completar a primeira sílaba das palavras selecionadas; ditados; bingo de palavras; jogos quanto ao número de sílabas; dominó com nomes e sílabas; atividades com sílabas isoladas; atividades de separação de sílabas; montar textos a partir de frases fatiadas; fazer o uso do dicionário.

Por meio desses quadros podemos observar que, a escrita dos estudantes aponta um caminho pelo qual o professor deverá traçar em seu planejamento que consiga atender às necessidades dos estudantes. Com isso, ainda conseguimos destacar que a escrita dos estudantes apresenta características conforme cada nível de escrita (pré-silábico I, pré-silábico II, silábico e alfabético). Vale ressaltar que, o papel do professor em cada nível de escrita requer uma organização e planejamento, pois deve estar com propostas pedagógicas articuladas com todos os componentes curriculares, pois Moura (2009), destaca que:

Para melhor encaminhamento metodológico no processo de alfabetização nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, não podemos valorizar somente a Língua Portuguesa e a Matemática em detrimento das demais áreas de conhecimento. (MOURA, 2009, p. 54).

Desse modo, a alfabetização dos alunos é algo bem pertinente e muito cobrado principalmente nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, e por consequência disso, o professor acaba focando o seu trabalho nas áreas de conhecimento de Língua Portuguesa e Matemática, deixando a desejar quanto às outras áreas. É importante destacar que essa desvalorização muitas já acontece por meio das avaliações externas que vem para escola – a exemplo disso, há as avaliações do SAEB que, por muitos anos, só analisam os estudantes por meio dos descritores de Língua Portuguesa e Matemática –, a maneira como o currículo e os horários das aulas foram definidos, a proposta educacional presente no Projeto Político Pedagógico, ou seja, há toda uma conjuntura que reforça isso em sala. Já se encaminhando para o término desse trabalho, no próximo capítulo teremos as considerações finais dessa pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa intitulada como “Professores/as alfabetizadores/as para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: o que as produções acadêmicas revelam?”, apresenta uma discussão teórica a partir de autores que estudaram sobre a alfabetização, letramento e professor/a alfabetizador/a, bem como uma análise bibliográfica a partir de 30 produções acadêmicas no período de 2016 a 2021 acerca da atuação do/a professor/a alfabetizador/a. Esse quantitativo das produções acadêmicas foi selecionado com base no *Scielo*, *Google* acadêmico, BDTD, Portal da CAPES, REI da UFPB.

Para a organização e sistematização tanto do referencial teórico quanto das análises, foi formulada a seguinte problemática: De que maneira a temática sobre professores/as alfabetizadores/as está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Com base nessa questão, pensou-se no referido objetivo geral: Analisar de que maneira a temática sobre professores/as alfabetizadores/as está presente na produção acadêmica no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Definir esses pontos foi muito importante porque a pesquisa de um trabalho de produção de cunho científico precisa partir de uma problemática e um objetivo geral.

Vele mencionar que, por meio da questão e objetivo geral, originou-se algumas questões específicas atreladas aos objetivos específicos. As questões específicas foram: Como a temática sobre professores alfabetizadores é abordada nas produções acadêmicas mapeadas? Quais as produções acadêmicas que envolvem a temática sobre professores/as alfabetizadores/as e a sua relação com a Alfabetização e o Letramento? Como se apresentam os aspectos da produção acadêmica pesquisada? Como o professor/a alfabetizador/a pode organizar o seu trabalho pedagógico no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Atrelada a cada questionamento desse, foram traçados os seguintes objetivos: Refletir como a temática sobre professores/as alfabetizadores/as é abordada nas produções acadêmicas mapeadas; Mapear quais as produções acadêmicas que envolvem a temática sobre professores/as alfabetizadores/as e a sua relação com a Alfabetização e o Letramento; Caracterizar os aspectos da produção acadêmica pesquisada; Propor sugestões pedagógicas de como o/a professor/a alfabetizador/a pode organizar o seu trabalho pedagógico no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Como já foi citado anteriormente, a metodologia para o desenvolvimento desta produção acadêmica foi de caráter exploratório, com base nos estudos bibliográficos e as análises partiram das abordagens qualitativas e quantitativas das 30 produções acadêmicas que foram selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa. As produções acadêmicas foram consultadas e analisadas de em consonância com: *Scielo*, *Google* acadêmico, BDTD, Portal da CAPES, REI da UFPB. O processo de levantamento de dados foi bastante desafiador e de muito aprendizado, uma vez que o cuidado com as informações coletadas foram algo muito marcante.

Com base nas análises acerca das produções acadêmicas desta pesquisa sobre a atuação do/a professor/a alfabetizador/a nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi constatado que elas foram compostas de artigos, TCC de graduação e de especialização, de dissertação e de tese. O maior foco das produções foi sobre a formação docente, debatendo mais especificamente quanto ao PNAIC e seus efeitos em turmas de alfabetização, destacando que os educandos apresentaram um melhor desenvolvimento no processo de aquisição da língua escrita em diferentes práticas linguagens. As produções acadêmicas, em sua maioria, foram oriundas de instituições públicas estaduais e federais, sendo a Região Sudeste com um maior destaque em relação ao quantitativo de produções.

No ano de 2020 ocorreu o maior número de produções. Além disso, as pesquisas revelam que os/as professores/as alfabetizadores/as para os anos iniciais aparecem nas produções acadêmicas com os termos “professor alfabetizador”, “professora alfabetizadora”, “professor do ciclo de alfabetização” ou apenas “professor”. O delineamento voltado em sua maior na abordagem qualitativa. Os autores mais presentes e citados nas produções foram: Soares (1985, 1986, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007, 2009, 2012, 2013, 2016 e 2017), Ferreira (1985, 1991, 1996, 1999, 2001), Moraes (1989, 2012, 2013 e 2019) e Vygotsky (1934, 1979, 1998, 2012, 2014).

O/a professor/a alfabetizador/a pode dispor de práticas pedagógicas com o conhecimento, utilização e análise a partir da Avaliação da Psicogênese da Língua Escrita, uso de atividades que estejam com cada nível de escrita dos alunos, fazer um planejamento para que a sua atividade tenha objetivos mais alcançáveis, fazer o uso de literatura para aguçar o gosto e o prazer pela leitura, fazer da sala de aula um ambiente alfabetizador e que tenha o aluno como protagonista, aliar a teoria a prática, organizar aulas estratégicas para atender as necessidades dos alunos, fazer o uso de projetos didáticos, propor atividades pedagógicas com base em jogos e brincadeiras de alfabetização e que visem a escrita e a oralidade, estar aberto para o novo e buscar sempre estar se inovando para que as suas práticas educacionais estejam de acordo com o contexto das crianças.

Como sugestão, posso apontar que no próprio curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, tenha no seu currículo um componente específico sobre “Alfabetização e letramento” ou até mesmo fazer o uso dos Seminários Temáticos para discutir sobre o/a professor/a alfabetizador/a. Mais uma possibilidade é a criação de um curso de extensão na UFPB sobre a temática deste trabalho. Dessa forma, os estudantes do curso de Pedagogia poderiam ter uma formação com base em metodologias que visam a alfabetização e letramento. A terceira possibilidade era a criação de um grupo de pesquisa sobre a alfabetização e letramento e por meio disso discutisse também como se dão esses processos nos alunos que não estão dentro do ciclo de alfabetização, ou seja, nas turmas de 3º, 4º e 5º, uma vez que há uma carência de estudos sobre essa possibilidade.

Esta pesquisa assume uma importância significativa para a minha vida pessoal, pois me faz enxergar que o processo de escrita acadêmica não é fácil, mas ao comparar com meu nível de argumentação e compreensão desde o início do curso até o dado momento, posso dizer que foi um avanço muito grande. No quesito profissional, posso alegar que a minha visão e prática sobre alfabetização e letramento foi além da minha concepção inicial que tinha ainda que obtive ao cursar o Normal Médio – o antigo Magistério –, uma vez que o conjunto de estratégias apontam para uma prática mais respaldada em teóricos, o que contribui para que o meu fazer docente esteja mais perto do elo entre teoria e prática. Já para a academia, este trabalho configura mais uma produção de caráter sério e que se buscou também contribuir para que mais estudos sobre a temática abordada possam ser mais discutidos.

As dificuldades para a realização da pesquisa foram: a situação pandêmica causada pelo Coronavírus¹⁰, fazendo com que não fosse possível ter coletadas de dados a partir de um estudo de campo – que foi pensado como proposta inicial deste trabalho; alguns portais usados nos levantamentos terem poucas publicações sobre a temática do trabalho; ao usar o filtro “professor/a alfabetizador/a” muitas pesquisas não usavam esse termo e foi necessário usar “alfabetização e letramento” e aos poucos foi sendo verificado e interpretado que determinados trabalhos eram sobre a temática do/a professor/a alfabetizador/a. Para além disso, ocorreu o seguinte: alguns trabalhos não estavam disponíveis para a visualização do arquivo. Isso dificultou um pouco no processo de levantamento.

Relativamente a esta pesquisa, é válido ressaltar que foi feito um estudo a partir do que se tem produzido sobre os/as professores/as alfabetizadores/as. Ainda não está pronto e

¹⁰ Informação com base no Boletim Epidemiológico nº 3 (21/02/2020). Doença pelo Novo Coronavírus 2019 – COVID-19. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/21/2020-02-21-BoletimEpidemiologico03.pdf>

acabado. Então, poderiam ser realizados levantamento a partir dos currículos dos Cursos de Pedagogia presentes nas universidades Federais de todo o Brasil ou até mesmo da Região Nordeste. E a partir disso tecer discussões teóricas de como a alfabetização vem sendo discutida na formação inicial de Pedagogos. Também poderá ser feito um mapeamento a partir da aplicação do Teste da Psicogênese em uma determinada escola ou rede municipal de ensino. Depois poderia ser pensadas práticas pedagógicas e até mesmo formação continuada para que a aquisição da língua escrita esteja mais presentes na realidade escolar.

Diante disso, concluímos que esta pesquisa traz uma visão sobre quando, onde e o que se tem produzido a respeito das práticas pedagógicas, a formação, os desafios e realidade do professor/a alfabetizador/a. Um/a bom/boa professor/a alfabetizador/a precisa de uma formação inicial e continuadas bem sólidas. Ou seja, as políticas educacionais, as universidades e demais instituições de ensino precisam rever programas e ações que tenham o objetivo na formação docente para que cada vez mais consiga haver um avanço na aquisição da linguagem escrita dos estudantes que estão no ciclo de alfabetização.

Por fim, espero que esta leitura tenha sido tranquila e que tenha contribuído para o seu fazer pedagógico no que se refere à alfabetização e letramento. Gratidão por ter concluído a leitura deste trabalho!

REFERÊNCIAS

ASSIS, Álen Carla Reggiani. Espaço escolar como lugar privilegiado de formação da infância. **Boletim 3: Salto para o Futuro**. Rio de Janeiro, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, dispondo sobre a duração e 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

BRASIL, Ministério da Educação. **Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental**. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico nº 3 (21/02/2020)**. Doença pelo Novo Coronavírus 2019 – COVID-19. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/21/2020-02-21-BoletimEpidemiologico03.pdf>

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZE MBRODE2017.pdf>

BRASIL. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010**. Fixa diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental de 9 (nove) anos. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – MEC/CNE/CEB, 2010.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber na sociedade contemporânea: reflexões antropológicas e pedagógicas. In: CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **As universidades públicas e a pesquisa no Brasil**. São Paulo, NUPES, Documento de trabalho, v. 9, p. 98, 1998. Disponível em: <<http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9809.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

FARIAS, Severina Andréa Dantas de; AZÊREDO, Maria Alves de; RÊGO, Rogéria Gaudencio do. **Matemática no Ensino Fundamental: Considerações teóricas e metodológicas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2016.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FLORES, Celia Luciana Baptista. Refletindo sobre “as paredes” nas escolas. **Boletim 3: Salto para o Futuro**. Rio de Janeiro, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

GOULART, Cecília. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos norteadores. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 85 – 96.

GROSSI, Esther Pillar. Didática da alfabetização. **Didática dos níveis pré-silábicos**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GROSSI, Esther Pillar. Didática da alfabetização. **Didática do nível silábico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GROSSI, Esther Pillar. Didática da alfabetização. **Didática do nível alfabético**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LEITE, Maria Isabel. O planejamento coletivo no Ciclo da Alfabetização: a cultura da colaboração como possibilidade para a aprendizagem. **Boletim 3: Salto para o Futuro**. Rio de Janeiro, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez. 1994.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Práticas de um trabalho integrado nos dois primeiros anos do ensino fundamental: um diálogo entre as áreas do conhecimento. In: BRANDÃO, Carlos da Fonseca; PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula**. Avercamp, 2009. p. 51 – 68.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização: A questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento em verbete: o que é letramento? In: SOARES, Magda **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 13 – 25.

SOARES, Magda. Letramento em texto didático: o que é letramento e alfabetização. In: SOARES, Magda **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 28 – 60.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BREVE CURRÍCULO DO AUTOR

ERICK SILVA DE OLIVEIRA

Teve a oportunidade de cursar o Ensino Médio na Modalidade Normal (Magistério) no Instituto de Educação da Paraíba e concluiu no ano de 2016. Já no ano seguinte, em 2017, ingressou no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

Apresentou remotamente três trabalhos em formato de comunicação oral (artigos) VII Seminário Internacional de Práticas Educativas – SECAMPO (2020), Mamanguape – PB.

Essas produções acadêmicas foram:

- A materialização de políticas municipais de incentivo à permanência na EJA: estudo de caso em uma escola do município do Conde/PB
- Ciclo de vida docente: evolução profissional e as práticas pedagógicas
- Compreensão docente frente ao TDAH

Desenvolveu mais três produções acadêmicas que foram aceitas no VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU (2021). Estes trabalhos estão previstos para serem apresentados remotamente em dezembro de 2021 apresentados em modo de comunicação oral. Esses trabalhos são:

- A Psicogênese da Língua Escrita: uma análise a partir da produção de alunos do terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental
- Inclusão escolar: um relato a partir da análise da estrutura arquitetônica de uma escola privada
- Desenvolvimento emocional infantil e a escolarização: a tarefa docente de regredir a serviço do ego

Teve experiência como monitor em três períodos nos seguintes componentes curriculares:

- Currículo e Trabalho Pedagógico – EAD (2020.1)
- Corpo, ambiente e educação (2020.2)
- Corpo, ambiente e educação (2021.1)

Realizou vários cursos com os respectivos temas:

- A arte de contar histórias infantis - GINEAD
- A criança e as mídias: repensando a formação docente - UFPB
- Afinal, o que é bullying e quais seus prejuízos imediatos e futuros? - UFPB
- Alfabetização infantil - GINEAD
- Atendimento Educacional Especializado (AEE) - UFPB
- Autonomia intelectual e integridade acadêmica - UFPB
- BNCC do currículo à sala de aula - Instituto Singularidades / Itaú Social
- BNCC do currículo a sala de aula na Educação Infantil - Instituto Singularidades / Itaú Social

- Ciclo de diálogos do GEPEI - diálogo 4 - Desafios à construção de uma Educação Infantil inclusiva em tempos de pandemia - UFPB
- Ciclo de palestras da coordenação de pedagogia - palestra 3 - Desafios aa alfabetização - UFPB
- Educação especial em foco: experiências de exclusão e inclusão no cenário atual - UFPB
- Educação social e emocional - Metodologia Liga Pela Paz
- Formação continuada para professores e professoras na educação indígena - IBRADHES
- Formação inicial dos profissionais da rede de educação do município de Conde-PB - IBRADHES
- Geometria e letramento matemático - Instituto Singularidades / Itaú Social
- Infâncias e leituras - Laboratório Emília / Itaú Social
- Inteligência relacional - Metodologia Liga Pela Paz
- Introdução à supervisão e orientação pedagógica - GINEAD
- Ludicidade - GINEAD
- Metodologias ativas: estimulando a prática de leitura em sala de aula - UFPB
- Metodologias ativas para uma educação inovadora: avaliação em metodologias ativas - UFPB
- O cuidador escolar e sua implicação em uma educação inclusiva - UFPB
- Psicogênese da Língua Escrita - GINEAD
- Semana de Letras 2020 - UFPB

Em relação à experiência profissional, destaca-se o trabalho em escolas públicas tais como:

- Instituto de Educação da Paraíba (IEP)
Cargo: Professor Polivalente (1 ano e 4 meses em turmas do 4º e 5º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental)
- Escola Municipal Dr. Abelardo Alves de Azevedo
Cargo: Professor Polivalente (3 anos em turmas do 4º e 5º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental)
- Escola Municipal Nossa Senhora das Maravilhas
Cargo: Professor Polivalente – efetivo - (9 meses até os dias atuais em uma turma do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental)